

COLEÇÃO RUBÁIYÁT

POEMAS DE AMOR

DE
AMARU



Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA



2010

COLEÇÃO RUBÁIYÁT

Os mais belos livros da literatura universal. Fina impressão a duas côres em papel *bouffant* especial. Formato *in-16*. Admiráveis traduções. Edições ilustradas.

RUBÁIYÁT, de OMAR KHÁYYÂM

Tradução de *Octavio Tarquinio de Sousa*

O JARDIM DAS CARÍCIAS, de FRANZ TOUSSAINT

Tradução de *Adalgisa Neru*

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS, atribuído a SALOMÃO

Tradução de *Augusto Frederico Schmidt*

O "GITANJALI", de RABINDRANATH TAGORE

Tradução de *Guilherme de Almeida*

O JARDINEIRO, de RABINDRANATH TAGORE

Tradução de *Guilherme de Almeida*

A LUA CRESCENTE, de RABINDRANATH TAGORE

Tradução de *Abgar Renault*

A FLAUTA DE JADE, de FRANZ TOUSSAINT

Tradução de *Mauro de Freitas*

O AMOR DE BILITIS, de PIERRE LOUÏS

Tradução de *Guilherme de Almeida*

OS GAZÉIS, de HAFIZ

Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*

O JARDIM DAS ROSAS, de SAADI

Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*

O LIVRO DE JOB

Tradução de *Lucio Cardoso*

NALÁ E DAMAYANTI

Tradução de *Luis Jardim*

A RONDA DAS ESTAÇÕES, de KÁLIDASA

Tradução de *Lucio Cardoso*

O VENTO DA NOITE, de EMILY BRONTË

Tradução de *Lucio Cardoso*

Ilustrações de *Santa Rosa*

AS POMBAS DOS MINARETES, de FRANZ TOUSSAINT

Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*

O CANCIONEIRO DE PETRARCA

Tradução de *Jamil Almansur Haddad*

COLHEITA DE FRUTOS, de RABINDRANATH TAGORE

Tradução de *Abgar Renault*

CANTOS de WALT WHITMAN

Tradução de *Oswaldino Marques*

Introdução de *Annibal M. Machado*

VINHO, VIDA E AMOR, de HAFIZ E SAADI
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
PASSAROS PERDIDOS, de RABINDRANATH TAGORE
Tradução de *Abgar Renault*
AS PALAVRAS DO BUDDHA
Tradução de *Guilherme de Almeida*
POEMAS DE AMOR, de AMARU
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
A GRINALDA DE AFRODITE, de A. FERDINAND HEROLD
Tradução de *Valdemar Cavalcanti*
NIETZSCHIANA (Antologia de tóda a obra de Nietzsche)
Tradução de *Alberto Ramos*
Prefácio de *Agrippino Grieco*
PEQUENOS POEMAS EM PROSA, de CHARLES BAUDELAIRE
Tradução de *Aurelio Buarque de Hollanda*
ECLESIASTES, atribuído a SALOMÃO
Tradução do Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*
Prefácio de *Tristão de Athayde*
PROVÉRBIOS, atribuído a SALOMÃO
Tradução do Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*
Prefácio de *Tristão de Athayde*
SALMOS, de DAVI
Tradução do Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*

Volume extra-coleção :

CANCIONEIRO DO AMOR (*As mais belas poesias da literatura brasileira*)
Seleção e notas bio-bibliográficas de *Wilson Lousada*
BAUDELAIRE — FLORES DO MAL
Tradução, seleção e notas de *Guilherme de Almeida*
Ilustrações de *Quirino*

POEMAS DE AMOR

OBRAS

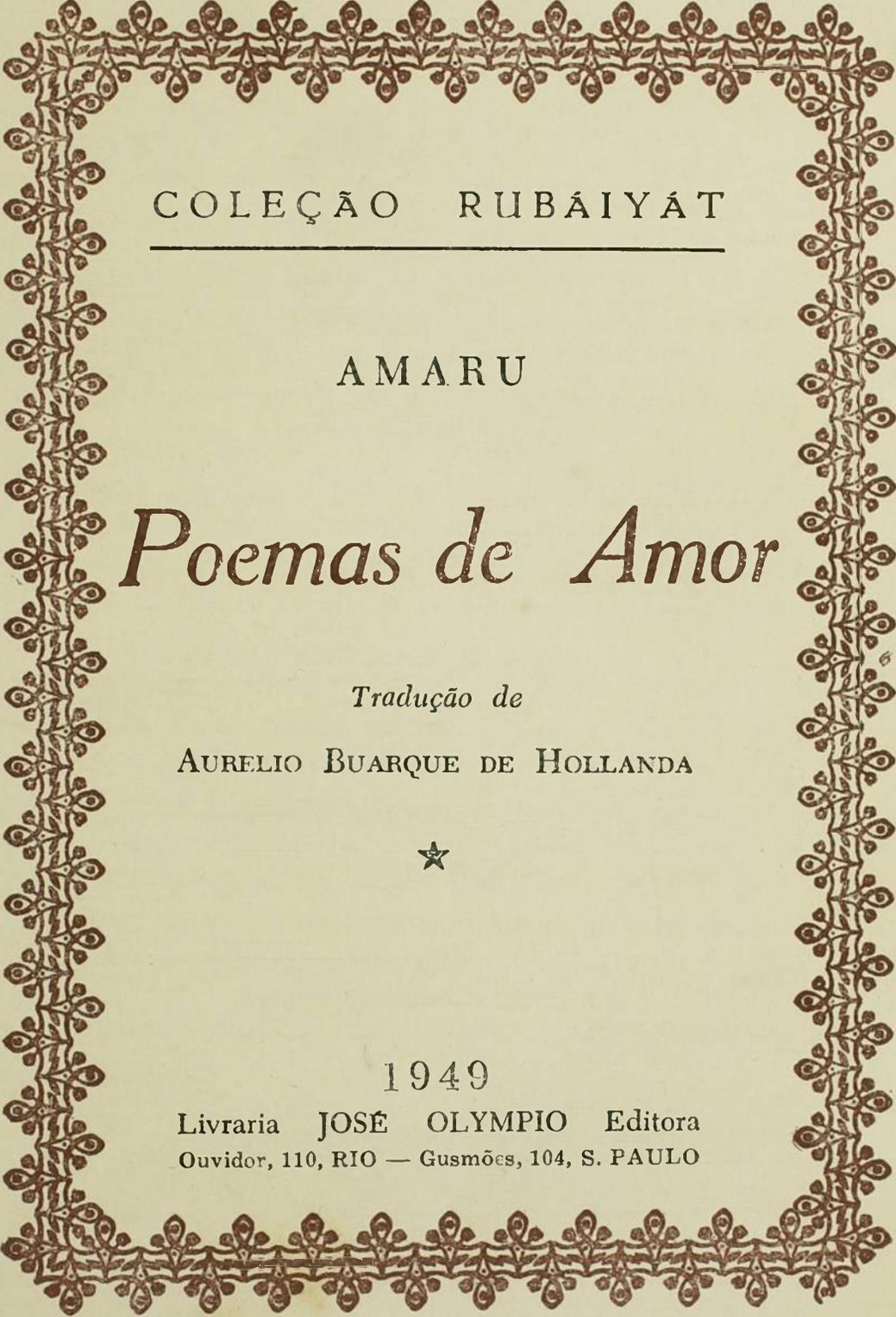
DE

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA:

- DOIS MUNDOS (contos) — Livraria José Olympio — Rio, 1942. (Premiado pela Academia Brasileira de Letras.)
- MAR DE HISTÓRIAS (*Antologia do Conto Mundial*) — Edição ilustrada e anotada, com introdução sobre a origem e evolução do conto, e extensas notícias bibliográficas. (Em colaboração com Paulo Rónai.) — Já publicados os seguintes volumes:
I (Das Origens ao Século XVIII) — Livraria José Olympio — Rio, 1945.
II (Século XIX — 1.^a parte) — Livraria José Olympio — Rio, 1949.
- PEQUENO DICCIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA — Em 8.^a ed. — Civilização Brasileira — Rio. (Em colaboração com diversos autores.)
- ROTEIRO LITERARIO DO BRASIL E DE PORTUGAL (*Antologia da Língua Portuguesa*) — Livraria José Olympio — (no prelo). (Em colaboração com Alvaro Lins.)
- LINGUAGEM E ESTILO DE MACHADO DE ASSIS — na *Revista do Brasil* (3.^a fase), n.os de julho e agosto de 1939.
- LINGUAGEM E ESTILO DE EÇA DE QUEIRÓS — no *Livro do Centenário de Eça de Queirós* — Edições Dois Mundos — Portugal-Brasil, 1945.
- CONTOS GAUCHESCOS E LENDAS DO SUL, de J. Simões Lopes Neto — Edição crítica, com introdução sobre a linguagem e estilo do autor, variantes, notas e glossário — Editôra Globo — Pôrto Alegre, 1949.

Traduções:

- OS GAZÉIS, de Hafiz — Livraria José Olympio — Rio, 1944.
- O JARDIM DAS ROSAS, de Saadi — Livraria José Olympio — Rio, 1944.
- AS POMBAS DOS MINARETES, de Franz Toussaint — Livraria José Olympio — Rio, 1945.
- VINHO, VIDA E AMOR, de Hafiz e Saadi — Livraria José Olympio — Rio, 1946.
- POEMAS DE AMOR, de Amaru — Livraria José Olympio — Rio, 1946.
- PEQUENOS POEMAS EM PROSA, de Charles Baudelaire — Livraria José Olympio — (no prelo).
- O CAMINHO DA PERDIÇÃO, de Upton Sinclair — Edições "O Cruzeiro" — Rio, 1944. (Em colaboração com Olívia Krähenbühl.)



COLEÇÃO RUBÁIYÁT

AMARU

Poemas de Amor

Tradução de

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA



1949

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora
Ouvidor, 110, RIO — Gusmões, 104, S. PAULO

AMARU

AMARU

é um poeta indiano que viveu, parece, no século VI, e pertencia à casta dos brâmanes. Foi um destes quem publicou, aí por 1808, em Calcutá, uma centena de estrofes de Amaru, cujos versos até então permaneciam desconhecidos, no sossêgo das bibliotecas.

Muito depois, descobriram-lhe, além das obras completas, uma série de comentários do texto original — fruto do labor do poeta, de discípulos seus ou de copistas.

Sua vida é, tôda ela, uma trama de lendas, algumas das quais o equiparam aos deuses.

Segundo uma dessas fantasias, a alma de Amaru, antes que êle nascesse, ocupou, seguidamente, o corpo de nada menos de cem mulheres.

A acreditar em outra, foi êle um rei que deixou viúva uma dama ainda jovem e de excepcional beleza, por quem se apaixonou o filósofo Sankara. Valendo-se de seu largo poder, o sábio tomou a forma do soberano defunto e assim desfrutou, sàbiamente, a linda viúva, maravilhada de tal ressurreição.¹

A. B. de H.

¹ Texto utilizado para esta tradução: *Amouru, L'Amour Fardé* (trad. do sânscrito por Franz Toussaint). As notas do fim do volume foram por vêzes condensadas, e em alguns casos não as traduzi literalmente. Suprimi algumas, que me pareceram menos necessárias.

JANUARY

1840

POEMAS DE AMOR

O GODER DAS FLEINER

AN AUGUSTE DE JESUS
DO AMON

O PODER DAS LÁGRIMAS

Sem procurar retê-lo pelas vestes, sem estender o braço para vedar-lhe a saída, sem lhe cair aos pés, sem ter pronunciado, sequer, esta simples palavra: — “Fica!” — ela apenas volve para êle seus belos olhos cheios de tristeza. E aquêle amante que ia fugir apesar da chuva diluviana, ei-lo que se sente detido pelas lágrimas da amada como por um rio transbordante.

AS AUGUSTAS DEVASTAÇÕES DO AMOR

Espero-a. Por que será que ela não vem? Suspiro, com os olhos fitos na estrada. Escrevo versos melancólicos... E vou-me consumindo tal uma moita de masurá que arde na calma do entardecer perfumando a campina.

A INJUSTIÇA

O amor que me tens, ó Gayatri, é mais inconstante, menos firme, do que o reflexo de uma palmeira na água de um lago sulcado de barcos.

Mas o lago torna-se um espelho depois que todos os barcos se afastam — e o teu coração ainda fica desconfiado depois que me perdoas.

CARTA

Escrevo-te à luz da Lua. Minhas amigas me chamaram, mas eu quis ficar aqui, neste quarto, onde tu estás sempre. E ainda choro... Para esquecer minha mágoa, contemplei o jardim banhado pela brisa. A sombra de uma fôlha de bambu traçava na areia azul uma palavra desconhecida, que devia ser o teu nome...

O ESFÔRÇO INÚTIL

Quando êle me fita, ponho-me a contemplar a flor ou a amiga que se acha ao pé de mim.

Quando sua voz melodiosa me supplica, logo os meus ouvidos zumbem, e não lhe ouço mais a voz lisongeira.

Quando um frêmito involuntário me agita, murmuro: — “Como faz frio aqui!”

Quando minhas faces se ruborizam, escondendo-as sem demora sob as mãos trêmulas...

Mas então, ó doces companheiras, o bater do meu coração faz-me estalar a túnica, e êle nota perfeitamente que o amo!

A FÔRÇA

*— Êle acaba de me abandonar!
Mas eu serei forte... Ninguém há de*

notar o meu desespero. Estás vendo, Pradyumná: eu sorrio...

— O teu sorriso é triste como o primeiro amanhecer sobre uma aldeia incendiada!

O TENTADOR

— Tenho medo de sentir muito calor, meu doce amigo!

— Minha casa está situada à beira de um regato, e é banhada de uma frescura eterna.

— Se eu fôr a tua casa, alguém me verá, meu doce amigo!

— Minha casa fica na floresta. Somente as orquídeas te veriam passar...

— A orquídea o diria à abelha, e a abelha o diria ao papagaio, que tudo repete!

— Depois de haveres passado, as orquídeas permaneceriam muito tempo mudas de êxtase...

— Talvez... Porém minha mãe, quando eu voltasse, veria a minha cabeleira desfeita!

— Refarias o penteado em meu espelho... Êle guardaria a imagem do teu radioso sorriso...

— Eu te amaria, meu doce amigo, e não saberia mais sorrir!

A CHUVA

Ó chuva, eu te agradeço! O vestido dela aderiu-lhe ao corpo, e o tecido espelhante de água desenhava-lhe as formas perfeitas... Estavas como nua, Sanabavi! Mas os teus pequenos seios frementes, quem os aqueceu, quando o arco-íris desabrochou?

A TROCA DO PRAZER

Extenuada, mas ardente ainda, tua amiga volve para ti os belos olhos circulados do arrebique azul da volúpia. Tem a cabeleira esparsa, numa adorável desordem; um orvalho de suor perfumado lhe emperla as têmporas, e os seus braços te retêm...

Dize-me: que pedes mais aos Deuses?

A DISPUTA

— *Então, tu lhe tens amor?*

— *Precisamente.*

— *Ignoras que eu também o amo?*

— *Desconfiava disso... Mas, assim, somos duas a amá-lo, e, morrendo uma de nós, êle não ficará sem amante.*

— Tu... morrer! — exclama logo Ampati, sem conseguir reter as lágrimas.

— Quem sabe?

— Ó Sadahi, luz dos meus olhos, então não compreendeste que eu te amo e que sou ciumenta?

A JURA

Um dia, numa pétala de rosa, Sitá, moça de Ratnavali, gravou a seguinte jura: “Não! nem ao mais lindo jovem do mundo eu amaria, pois o amor é muito cruel.”

Mal acabava de escrever estas palavras, o zéfiro levou a pétala e o juramento.

A INUNDAÇÃO

A frágil ponte de bambus que ligava as margens do Malini, não longe

da casa de minha amada, a ponte do Malni foi arrebatada pela inundação. E agora minha amada está bloqueada numa ilha, pois do outro lado de sua casa o rio é intransponível! Seu pai terá bastante milho, bastante lenha? Ai! a chuva continua... Todos os dias, à noitinha, galgo a colina, de onde avisto a pequenina luz trêmula que me indica a morada de Sarmitcha. A luzinha brilha dentro da noite molhada como um olhar velado de lágrimas.

O HONROSO DESESPÊRO

Ele está sentado junto a ela, no mesmo sofá, e dirige-lhe ternas palavras. Ela, porém, torce o rosto, e o injuria.

Por fim, exasperado, ele se cala. Então a bela caprichosa, julgando-se ofendida com este silêncio, pousa do-

cemente a fronte no ombro do amado, e soluça.

AS NOITES

Minha terna amiga Sodará volta sempre para casa ao pôr do Sol. Numadavi, que é guardiã do templo, abandona-me desde que brilha a estrela Asvá, e eu durmo sòzinho na minha esteira de caniço.

É tão raro sonhar que Numadavi ficou e me acariciará até o amanhecer!

SÔBRE UMA ESPÔSA

O olhar dessa jovem espôsa é mais perturbador que o da gazela ferida de morte. Suas coxas, firmes e redondas, assemelham-se ao tronco da bananeira. Seu talhe esbelto hu-

milha a palmeira, e a linha do seu colo é incomparável.

Já tem os seios intumescidos da doce ambrosia que correrá para as libações do sacrifício do Amor...

A PAZ

— Por que essas lágrimas? Por que êsses gritos? Olha: eu beijo a franja do teu vestido. Céus! nunca te vi tão encolerizada...

Assim se exprimia a infiel. Porém abraçou a amiga, que sentiu expirar, em seus lábios frementes, a recriminação que a outra ainda ia fazer.

A FACEIRICE

— E que fez êle, depois?

— Colocou-me sob a cabeça um montezinho de erva fresca, e foi buscar leite para mim.

— Adormeceste?

— Qual adormecer! Levantei-me logo a seguir. Quebrei um ramo de dadali, e com a seiva enrubesci os lábios; depois azulei as pálpebras com o suco da ameixa silvestre. Enfim, polvilhei os seios com o pólen do imenso nelumbo que perfumava o nosso esconderijo.

O GUARDA

— Aonde te vais assim, linda jovem, dentro da noite negra?

— Vou aonde me espera aquêlê que é mais belo do que o dia.

— Quê! sòzinha — e não tens mêdo?

— Não tenho por companheiro de viagem o Amor de flechas temíveis?

AS CORTESÃS DE KAMYÁ

São belas como as Deusas Apsaras. Os guizos de seus tornozelos são de ouro, ostentam no colo fileiras de pérolas, e sabem a história de Krishna.

No entanto, elas dizem: — “Ó Bharata!” — aos lavradores que são da sua terra e que elas reconhecem.

A RESPOSTA INESPERADA

— Êsses olhos lânguidos, úmidos de amor, que se fecham e se entreabrem como as asas de uma pomba apaixonada, êsses olhos que dizem tão eloqüentemente tudo o que se passa em tua alma, em que feliz mortal irás fitá-los?

— Naquele que me falar de meu amado...

A HOSPITALIDADE

Em vez do lótus azulado, ela oferece-lhe o seu doce olhar. Em vez do jasmim, ela oferece-lhe, num sorriso, os dentes luminosos. Em vez da taça destinada às libações, ela oferece-lhe o seio palpitante de amor...

Assim, com os seus encantos apenas, a amante encontra meio de festejar, segundo os ritos, a volta do viajante querido.

A NOTÍCIA DESOLADORA

*— Dize-me, querida... Aquê-
le amante insolente que eu enxotei
num momento de furor e que teve a
audácia de ir-se embora logo, que devo
fazer, se êle voltar? Estou certa de
que cometerá nova falta...*

— Êle é bonito?

— É muito bonito.

— Gostas dêle?

— Gosto das suas carícias.

— Procura atraí-lo ao teu quarto, e num instante será esquecida, de parte a parte, a desavença. Mas como se chama êle? Eu poderia ser a intermediária...

— Não digas o seu nome a ninguém... Chama-se Sumitrá.

— Céus! É o meu amante...

OS ESFORÇOS

Com que diligência, desde há muito, eu dou às sobranceiras um ricto severo! Sei tornar duro o meu olhar, e conheço melhor do que ninguém a arte de corrigir, pelo aspecto grave do rosto, qualquer sorriso que surpreendo nos lábios. Quando minhas companheiras ralham comigo, imponho-me um silêncio absoluto.

*Quando meu coração se alvoroça,
comprimo-o, apertando a cintura...*

*Mas o bom êxito de tudo isso
está nas mãos do Destino!*

A MANHÃ

*A Lua já desapareceu atrás das
montanhas, o oriente já se colora das
primeiras luzes do Sol, já os pás-
saros cantam no jardim, e — bem
o vês, cruel Amor — eu ainda choro!*

A ÁGUIA

*Ela contempla a torrente que
desce do monte onde o seu amado
guarda um rebanho. Depois, per-
gunta:*

— Torrente, viste-o passar?

*E pelas suas mil bôcas espuman-
tes a torrente responde:*

— *Eu nada vi senão os cimos brancos e o céu azul.*

— *Torrente, ouviste os sons de uma flauta de osso?*

— *Nada ouvi, a não ser o ruído do vento que se quebrava de encontro aos rochedos.*

— *Torrente, viste uma águia a pairar?*

— *Vi uma águia a pairar.*

— *Ó torrente, como sou feliz! Tu viste a águia que via Sadattá...*

O INSTANTE SECRETO

— *Podes crer: és mais bela sem nenhum véu..*

Com as mãos impacientes, o amante procurava desatar o cinto importuno. O prazer cintilava nos olhos da rapariga... Discretas, suas servas se afastaram.

O TRIUNFO

Com os seios amarfanhados, a cabeleira em desordem, os olhos cerrados, as pernas e os braços ainda trêmulos de volúpia, ela me pede, numa voz ofegante: — “Por favor! acaba... Não posso mais!” E o seu silêncio se eterniza.

Estará morta, ou simplesmente adormecida? Estará absorta em deliciosa meditação, ou pensará em outro?

O TIÇÃO CONSAGRADO

O sino do templo acaba de vibrar sua flecha sonora, que varou a noite. Sombras rápidas transitam. Lá vai Pritha, que eu reconheço pelo ruído de seus braceletes de prata. Lá vai a melancólica Hatanena, cuja cabeleira está sempre esparsa. E Umá, e Gautami... Daqui a pouco elas tra-

*rão de volta, numa fôlha de nenúfar,
o tição consagrado à Deusa. Mas,
como de tôdas as vêzes, o orvalho
extinguirá o da risonha Pritha, por-
que ela o deporá sôbre a relva para
deixar-se acariciar pelo amante.*

O DESTINO

*De vestes sombrias, sentado junto
à cana do leme, o Destino dirige o
frágil esquife da minha existência.
Sou feliz num pôrto? Então êle
desfralda tôdas as velas... Sou des-
graçado? Êle desce a âncora.*

O ESPANTO LEGÍTIMO

*Ainda trêmula e cheia de vergo-
nha das carícias do amado, a noiva,
de olhos descidos, mal pode contar
às servas como o traidor, fingindo*

não insistir mais, lhe inspirou uma doce confiança.

Mais sábias que sua ama, as mulheres escutam-na a sorrir.

— De repente — conclui a recém-casada — êle me enlaçou como se fôsse estrangular-me, e eu fiquei muito surpreendida ao ouvi-lo dizer, enquanto me devastava: — “Então onde compraste êsse lindo colar?...”

A ALTIVEZ

As lágrimas, as recriminações, as mais ternas instâncias, as preces: tais são os meios que as outras mulheres empregam para reter o esposo prestes a abandoná-las. O' senhor supremo da minha vida, por mim, apenas te digo: — Possa o destino conceder-te dias felizes, longe de mim... Vai! Mas em breve sentirás saudade do meu amor, êste amor que não mais iluminará tua vida.

A ASTÚCIA

— *Para que estares aí a mentir? É inútil... não sou nenhuma tôla! Bem que estou vendo, sôbre o teu peito, as marcas dos beijos da minha indigna rival...*

— *Que dizes? que dizes? — exclamei, sem lhe dar tempo de chegar ao fim.*

Para apagar estas manchas indiscretas, aperto-a contra o peito e faço-lhe perder a memória, pelo excesso de prazer.

A VISÃO

— *Os galos já cantaram?*

— *Dorme. A noite ainda é azul.*

— *Não dormi. Tinha os olhos fechados, mas o espírito velava e belas imagens desfilavam sob as minhas pálpebras...*

— *Que é que tu vias, bem-amada?*

— *Entre as palmeiras de Rami, uma casinha, branca de jasmims, e na casinha, eu e tu, felizes.*

RUDRÁ

Se te recordas de meus beijos, pronuncia baixinho o meu nome, uma vez, estreitando a tua amante.

A CONVERSA INTERROMPIDA

— *Que algazarra fazem essas lavadeiras! Malditas tagarelas! Não entendo nada do que me dizes. Aproxima-te... Vem sentar-te aqui, em minha cama. Anda, vem! Estavas-me contando...*

Ela me envolveu o pescoço entre os amorosos braços, e o seu hálito

me acariciava o rosto. Enfim, docemente, uniu seus lábios aos meus...

O ARREPENDIMENTO

— *Que tolinha que eu era! Por que não o enlacei amorosamente? Por que afastei os meus lábios dos seus quando êle me pedia com tanto ardor um simples beijo? Por que repeli sua mão que estava adormecida no vale do meu colo, e por que fechei o vestido?*

Assim se lamentava uma jovem, certa noite. A Lua banhava o seu jardim, um rouxinol cantava, e o amor acabava de falar ao coração daquela jovem.

A FIDELIDADE

— *Coitadinha... Sacrificas os preciosos instantes da tua vida a um*

único amante, que talvez nem te seja fiel! Vamos, minha querida, um pouco de ânimo... Para quê te orgulhares de uma fidelidade a tôda prova? Queres que eu te faça conhecer outro lindo rapaz?

— Cala-te! — exclama Baladiva, assustada. — O senhor da minha vida lá repousa, no meu coração, e vai ouvir as tuas palavras!

A RECONCILIAÇÃO

Satisfeita de haver gravado em minhas faces as marcas de suas unhas, ela fugiu-me dos braços, lançando-me um olhar furioso.

— Aonde vais? — perguntei-lhe, segurando-a pela túnica...

— Deixa-me! — respondeu ela, com os olhos cheios de lágrimas.

Ah! as encantadoras injúrias que me dirigiu, jamais poderei esquecer-las,

nem os beijos que selaram a nossa reconciliação!

A DECISÃO FRÁGIL

— Pode o amor partir-me o coração em mil pedaços, extinguir a chama dos meus olhos e tornar-me tão magra quanto uma lira! Está decidido, não quero mais rever aquêlê pérfido...

Mal termina êsse juramento, ela dirige um olhar sôfrego ao caminho por onde há de chegar o cavaleiro que lhe é ainda mais caro que a própria vida.

O INVERNO

É chegado o tempo das longas noites, dos longos sonos. Tôdas as tardes, ao crepúsculo, estendo-me sô-

bre o leito e dirijo supplicas a Matha, o Deus dos sonhos dourados. Prometto-lhe oferendas, sacrificios. Em vão: não sonho jamais com Sirihari...

Quando a tormenta sacode as paredes da minha casinha, quedo-me a escutar o nome de Sirihari, que o vento pronuncia ao passar pelos bambus do meu jardim.

A TIMIDEZ

Saúda-me com solene lentidão, e oculta os pequeninos pés sob a franja do vestido. Toma do leque, e observa com atenção as flôres pintadas que o matizam. Se acaricio a sua gazela domesticada, ela se põe a alisar as penas do seu papagaio. Se me arrisco a falar, logo ela interroga uma de suas servas...

Mas eu gozo mil delicias com a sua timidez.

RUDRÁ

A Lua banha de azul o espaço, e o pato selvagem é um grande lótus que voa.

A RESOLUÇÃO

Irei. Hei de achar um pretexto para ausentar-me até o anoitecer. Irei. Para poder saborear demoradamente a minha felicidade, tomarei o caminho mais longo, aquêle que passa ao pé da fonte, e lá, direi às minhas companheiras que vou ver se os campos de meu pai não sofreram de mais com a inundação... Eu irei, Amor vitorioso!

A EXPERIÊNCIA

— “Mas, afinal, que lucrarei com isso?”

E faço-me de cruel...
— “O quê! será que o insolente
não me vai falar?”

E ela se faz de zangada.

*E eis-nos assim, os dois, amuados,
de olhos baixos... eu, sorrindo com
um sorriso afetado; ela, derramando
lágrimas verdadeiras que em breve
trunfarão do meu fingido rigor.*

A COLHEITA DOS FIGOS

— *Que lindo figo!*

— *Onde?*

— *Não podes vê-lo... Que
lindo figo!*

— *Afinal, onde está êle?*

— *Entre dois ramos...*

— *Por aqui?*

— *Não.*

— *Ali?*

— *Também não.*

— *Acima? Abaixo?*

- *Abaixo... mas não te mexas!*
— *Vem colhê-lo, vem!*
— *Espera. Eu subo...*
— *Ah! miserável... Mamãe?*
mamãe?...
— *Que é que há, filhinha?*
— *Nada... nada... Estive a*
ponto de cair.
— *Como ela é fria, ó Sandati!*

O CONSELHO INTERESSADO

— *Como podes deixar gemer assim, à tua porta, êsse amante apaixonado? Pobre dêle! não seria menos feliz se escrevesse sôbre a areia essas linhas encantadoras que te dirige, e que te divertes a fazer repetir por êsse maldito papagaio... Ouve-me, não faças isto! O rapaz é rico, e nós precisamos de dinheiro.*

O INVENCÍVEL AMOR

O diadema de ouro do Dvidja cinge-lhe a fronte, êle possui trinta elefantes e cem fâmulos, seu palácio se eleva na encosta do Tchandana — e, no entanto, êle chora, esta noite, como um lavrador de arroz que vê a sua colheita destruída pela inundação.

Ó Kritavyma, ó senhor de trinta elefantes e de cem fâmulos, tua riqueza e teu poder — bem o vês — não intimidam o Amor. As frechas e as tchacras dos teus guerreiros não teriam nenhum poder contra êle... Deixa correr as tuas lágrimas.

O PERDÃO

Êle me ofendeu, bem o sei. Êle não faz outra coisa senão mentir, bem o sei. Mas quando êle implora

*o meu perdão, parece-me que sou eu
a culpada...*

MAHADEVI

*Ela já não existe, e as flôres
ainda desabrocham! O' Morte, agora
que a possuis, poderás continuar os
teus trabalhos?*

O CAÇADOR

— *Que trazes, belo caçador?*

— *Nada.*

— *E eu que te ia cumprimentar...*

— *Que queres! Estava perse-
guindo um gamo, quando encontrei,
à margem do rio, uma jovem que
trançava cabazes...*

— *Não continues! Ela era
alta... tinha um colar de pérolas
azuis?*

— *Exatamente.*

— *Ó meu irmão! meu irmão!
ela respondeu à tua proposta?*

— *Para que me vieste interrom-
per! Saberias que fui cortar-lhe jun-
cos... Agora, não me podes mais
acreditar!*

O CISNE

Certa noite, num açude, um cisne procurava as flôres prateadas do cumudá. De quando em quando, enganado pela reverberação dos astros que cintilavam no cristal das águas, êle bicava, em vez de flor, o reflexo de uma estrêla... No dia seguinte, à luz do Sol, o cisne não ousou ir comer as flôres de sitôpala cujas corolas embranqueciam o açude: temia que elas também fôsem estrêlas.

Depois de um hábil charlatão enganar um homem, êste vem a duvi-

dar da realidade. Ó Sarmitcha, não me repitas outra vez que me amas, e não me mostres mais o cusá venerado!

HINO AO FOGO

Ó Tu, o Deus mais poderoso depois de Indra! Ó Tu, febre da Natureza! Ó Tu, que fazes libações de soma, ó Agni, Agni, Agni! Ó Tu, que jorras da montanha coberta de neve! Ó Tu, que emanas dos astros, em bólides resplandecentes! Ó Tu, que bailas sôbre os açudes, em mil lótus de luz! Ó Tu, que torces o ferro como se fôra junco! Ó Tu, o rival de Brama que cria e de Siva que destrói, ó Agni, Luz e Calor, ó Agni! Ó Tu, que flamejas no sangue do dançarino apaixonado e no sangue da gazela que o caçador persegue! Ó Tu, que convulsionas os braços dos

*amantes que se enlaçam, ó Agni, Agni,
Agni!*

O ENCONTRO

*Ela veio, apesar da chuva. Se
tu visses, ó Matraya, as gotinhas
d'água que tombavam das flôres de
cadamba que ornavam os cabelos
dela... Brilhavam-lhe sôbre os seios
como as pérolas de um colar!*

A DÚVIDA

— *Amada! Rainha da minha
vida!*

— *Por favor! deixa êsse tom
zombeteiro...*

— *Em que é que êle te molesta?*

— *Êle profana instantes que po-
deriam ser doces.*

— *Oh! sou muito feliz assim...*

— *Muito bem. Mas por que choras?*

— *Ingrata! que sou eu para ti? dize-me!*

— *A amiga mais querida...*

— *Não, eu não sou a tua amiga mais querida, e esta é a causa das minhas lágrimas!*

A PUNIÇÃO

O' coração inconstante! ó coração criminoso! deixaste-a partir, aquella amante que te supplicava! Não te quiseste recordar de que ela te aquecera com as suas carícias, uma noite em que a invadia o frio da morte... Então, tu lhe agradecias, juravas-lhe que serias sempre dela, que a tornarias feliz... E agora, acabas de lhe dizer as palavras irreparáveis! Sorris? Ah! já adivinho o teu pensa-

mento.,. Não! outra não a substituirá, não a substituirá nunca. A partir de amanhã — escuta-me bem — sentirás saudades do seu amor... Que as lágrimas do arrependimento inundem êsses olhos que não verão mais levantar-se o sol da felicidade!

A DESORDEM MATINAL

— Olha, minha querida, como as suas violentas carícias dispersaram o pó de sândalo que eu espalhara com arte sôbre as faces e os seios! Olha os meus lábios ainda marcados pelos beijos que êle lhes roubou! Olha como o frouxel desta pobre cama foi impiedosamente amarfanhado, e como êste belo véu foi feito em pedaços! Teremos, então, de suportar todos os caprichos dos libertinos?

A AMBROSIA

Se, no momento em que ela te repelia, tu tiveste a habilidade de lhe tomar os lábios e nêles deixar o vestígio de um beijo apaixonado, podes vngloriar-te, ó felicíssimo mortal, de haver saboreado essa ambrosia que os deuses enganados inútilmente pediram às ondas tumultuosas do mar.

A MORTE

Embriagadores perfumes da Volúpia, sorrisos do Amor, glória do Sol, esplendor das Noites Estreladas, não mais saciareis os meus desejos famintos!

Moças de Lanka, palmeiras de Sarth, fontes de Maraki, canções do vento nas cerejeiras de Kamal, eu vos digo adeus!

A ESCRAVIDÃO

Tôdas as vêzes que falo com o meu coração sôbre as tuas inúmeras injustiças, resolvo que hei de esquecer até o teu nome, juro que destruirei o menor objeto que me recorde a tua imagem; mas, quando te revejo, digo para mim: — “Considera-te feliz de sofrer por ela!”

A ESPERA

Oprimida de tristeza, ela acaba de sentar-se no cimo da colinazinha que fica na extremidade do seu jardim. Vai baixando o crepúsculo. A sombra já invade o campo.

Até onde a vista pode alcançar, ela mede a distância que a separa do espôso querido. Maldiz os barrancos que retardam a marcha do viajante.

*Pensa nos salteadores que talvez o
espreitam, e chora.*

*Chegou a noite. Volve para
casa lentamente, voltando-se a cada
passo.*

O MISTÉRIO

*Bhavani e Pritha cochicham...
Que conversam elas? De súbito, Pri-
tha se põe a correr... Aonde vai?
Já não se ouvem os guizos dos seus
braceletes.*

*Olhai, lá adiante... Duas mo-
ças arranham mutuamente o rosto, e
um rapaz despetala uma flor.*

O SEMBLANTE DO AMOR

*Esta manhã, o semblante dou-
rado do Amor luzia entre as fôlhas
de uma jovem bananeira.*

— Bom dia, algos da minha vida!
— exclamei...

E Hamita me respondeu a rir:

— Eu ia-te dizer a mesma coisa...

A MORTE DELICIOSA

— *Acaricia-me os seios!... Pobrezinhos... como os desprezas! Agora, basta! Dá-me a bôca... depressa! Oh! Nirami! por que tardamos tanto?*

E ela abafou os gritos na cabeleira da amiga.

Batem à porta.

— *Quem é? — pergunta, irritada.*

Uma voz responde:

— *São os lavadores dos mortos... Avisaram-nos de que alguém acabava de morrer, aqui.*

— *Ao lado! por Siva! Ao lado... em casa de Harivangha! Mas espere, espere! Eu penso que vou morrer...*

A FELICIDADE

Tantas vêzes, ó Noite, cobriste com teu véu o meu rosto banhado de lágrimas! Esta noite, um néctar delicioso cintila em minha taça e a bem-amada repousa sôbre o meu peito... Não te apresses em fugir!

A FESTA DOS LÓTUS

Começou a estação das chuvas. O rio submerge os campos vizinhos à minha casa, e o corvo paira, sinistro, acima dos jardins, de onde as rôlas partiram.

Recordo-me, esta noite, da Festa dos Lótus. Barcos engrinaldados de glicínias sulcavam o rio, que era plácido então. Em pirâmides de azul, os lótus amontoavam-se nas margens. Raparigas cantavam... Quando caiu

a noite, já não sabíamos se eram os seus olhos, ou se as estrêlas, que iluminavam o rio.

A IMPOSSÍVEL RESTITUIÇÃO

— Então, tu me enxotas? Decididamente, em teu coração o ódio tomou o lugar do amor... Está bem: eu me resigno. Antes, porém, de ires embora, peço-te que me restituas tôdas as carícias que te fiz e todos os beijos que te dei.

A CONFIDÊNCIA DIFÍCIL

Elas vieram para interrogar a amiga sôbre a sua primeira noite — e não ousam mais falar. A fisionomia descompôsta, os olhos carregados de langor, os lábios machucados, tudo, em Davayani, até o fraco sor-

riso que ela conserva, tudo as perturba e as entristece.

Por fim, Nahucha se anima a perguntar:

— Então, tinhas razão de chorar, ontem à noite?

— Minhas queridas companheiras — responde Davayani — a flor do bilva fecha as pétalas depois que a borboleta a visita... Dir-vos-ei somente que fui uma tôla em chorar.

OS SOLUÇOS

Ela soltou um grande grito, e depois soluçou fracamente. Parecia o ruído da chuva, depois de uma trovoadá, durante o temporal...

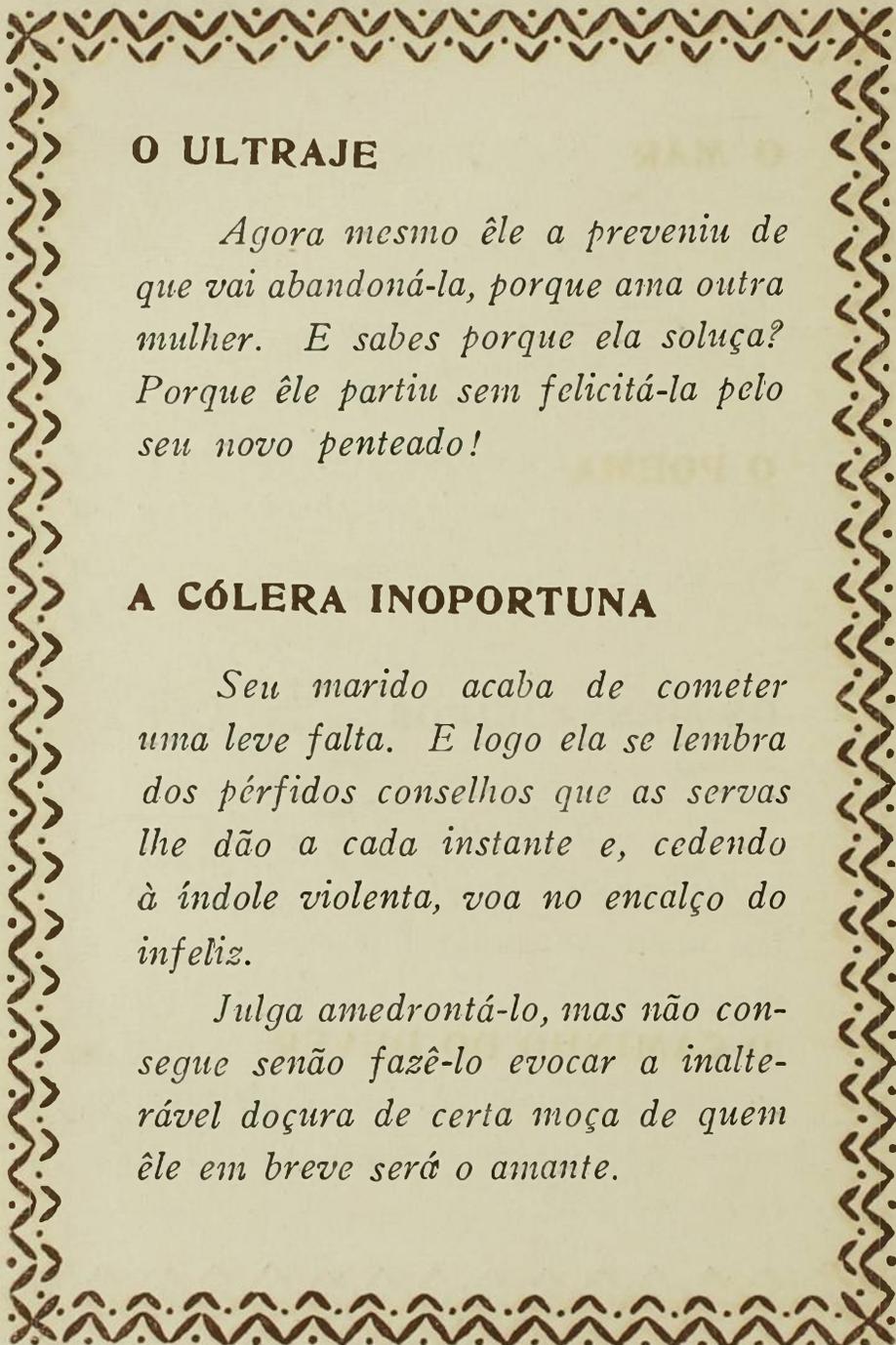
A BELA CANÇÃO

Como um ramo se dobra ao pêso de um pássaro, assim me curvo eu

sob o pêso do teu amor. Mas, quando me abandonares, eu não terei fôrça para me endireitar, como o ramo... Que importa, ó minha toutinegravydia! Continua a cantar-me a tua bela canção... Esqueço que ela cessará dentro em pouco sem que eu a conserve de memória — porque estou a sonhar.

OS MENSAGEIROS

Onde estás? Que fazes? Aqui, desde a tua partida, ninguém ousa mais falar-me de ti, mas eu digo o teu nome ao vento que passa e ao doente que morre. Se estás morta, o doente que morre irá contar-te que eu não te esqueço... Se estás viva, minha bem-amada, o vento que passa te encontrará!



O ULTRAJE

Agora mesmo êle a preveniu de que vai abandoná-la, porque ama outra mulher. E sabes porque ela soluça? Porque êle partiu sem felicitá-la pelo seu novo penteado!

A CÓLERA INOPORTUNA

Seu marido acaba de cometer uma leve falta. E logo ela se lembra dos pérfidos conselhos que as servas lhe dão a cada instante e, cedendo à índole violenta, voa no encalço do infeliz.

Julga amedrontá-lo, mas não consegue senão fazê-lo evocar a inalterável doçura de certa moça de quem êle em breve será o amante.

O MAR

Por que não tens pena do meu amor? Não vês que as estrêlas se dignam de mirar-se no mar?

O POEMA

Se eu tivesse o talento de Valmiki, escreveria um poema cuja heroína seria a minha amada. Os dez primeiros cantos seriam consagrados aos dez dedos de suas mãos, que teceram o véu em que envolvi meus antigos amôres, e os dez outros eu os consagraria a cantar as dez noites que passamos em Mabhatat.

O CAMINHO DO DEVER

A neve da solidão e da tristeza cai sôbre o meu coração, que estremece como uma flor de ameixieira.

A UMA JOVEM

Não conceder mais do que um beijo ao amante que se consome de desejo é coisa tão perigosa quanto dar um grão de milho ao elefante esfomeado.

O elefante, raivoso, pode-te escoicear. O amante, despeitado, pode procurar esquecer-te.

A FRANQUEZA

— Tu a conheces, então, pequena Mahivá?

— Um pouco...

— Escuta: queres dizer-lhe que a amo?

— E que mais?

— Não sei... Que a amo, e que gostaria que ela viesse ter comigo, esta noite, atrás do templo.

- *Ah! para fazer o quê?*
- *Nada. Apanharemos vagalumes...*
- *Ela tem medo.*
- *Então, nos banharemos no Açude Sagrado...*
- *Ela não sabe nadar.*
- *Eu lhe ensinaria...*
- *É só o que lhe queres ensinar?*
- *Que é que ela ignora?*
- *Evidentemente, não muita coisa... Mas, dize-me, será que teu amante te obrigou a apanhar vagalumes, no primeiro encontro contigo?*
- *És bem curiosa!*
- *Sinto muito, mas, se o permites, Tchaturica não irá encontrar-se contigo atrás do templo... A essa hora, tôdas as noites, ela me repete que os meus beijos sempre lhe bastarão.*

APENAS UMA MANHÃ...

*Aurora, a floresta te aprisionava!
Os troncos das árvores eram as vên-
gas da tua gaiola... Aurora, para ti
as fontes cantavam um canto mais
alegre! Para ti os musgos se haviam
tornado mais brandos... Mas tu
partiste! Partiste inundando de luz
a tua gaiola!*

*E eu penso em Mahadahi, que
me amou apenas uma manhã...*

AS DUAS AMIGAS

*Ela insistira comigo ternamente:
— Vem ver o meu lindo pa-
pagaio...*

*E eu a acompanhei à sua morada.
Mas, como suas servas nos espiavam,
ela me disse:*

*— O papagaio deve estar no
jardim...*

Êle não estava sob o caramanchão, onde o perfume do jasmim era muito forte. Não estava, tampouco, à margem do regato, onde um rapazinho cortava lenha... Terminamos por encontrá-lo no pavilhão abandonado, sobre um sofá que imediatamente a luz dourou.

O AMOR

Como uma rajada de vento desabrocha a papoula cujas pétalas tardam a se abrir, assim o amor desabrocha a alma de uma rapariga.

O SONO INTERROMPIDO

- Quem é?
- Sou eu, que há muito tempo bato à tua porta...
- Como te chamas?

— Mahadeva. Bem que reconheces a minha voz...

— Ah! pois eu estava sonhando contigo, agora mesmo!

— Agradece aos Deuses. Aqui estou eu...

— Não deves entrar. Meu belo sonho me basta.

A VENDEDORA DE JASMINS

Ela ainda não está na idade em que as meninas têm apaixonados. Seu peito é como o peito de um menino, suas ancas são retas e os cabelos não são lustrados com óleo de lótus. Dirige-se aos transeuntes, dizendo-lhes: — “Leve êste lindo jasmim...” E êles nem olham para as pobres flôres.

Paciência, filhinha! Alguns anos mais tarde, êles te suplicarão que aceites os seus ramilhetes, e tu não te dignarás sequer de voltar a cabeça

A PARTIDA

Cruel Prabhavati! por que não gritaste, por que não despertaste ninguém no momento em que partia o mais eminente dos homens? Ah! maldita seja a separação daqueles que se amam!

Ó meu espôso! quando julgares que a tua ausência durou bastante; quando, sob a Árvore Sagrada, te transformares num Buda perfeito, volta, eu te peço, à nossa doce morada!

HINO DA ESPÔSA DO BUDA

Ó tu, o primeiro entre os homens! Ó tu, o mais belo dos homens! Tu, cujo rosto tem o esplendor da Lua, e cuja voz é melodiosa como o canto do Kalabingha, o pássaro que encantou Brama! Ó meu espôso glorioso! Ó meu espôso, terror dos

exércitos de Richi! Ó tu, que viste a luz do dia no mais encantador dos jardins, o jardim de Lumbini, eternamente rumorejante de abelhas! Grande árvore da Ciência, eternamente respeitada pelos mortais e pelos Deuses! Ó tu, o mais doce dos sabores! Ó meu espôso, de lábios purpúreos como a açoifeira, de dentes brilhantes como a geada, de olhos de lótus, de pele rubra! Ó meu espôso, ó minha bela estação embalsamada de flôres! Ó tu, que perfumavas, melhor que os jasmíns, as câmaras do gineceu!

Ó Kantaka, nobre corcel, para onde levaste o meu espôso?

RUDRÁ

Sob o açude plácido e branco de teu peito, teu coração é um lótus perfumado.

A BRUTAL CONFISSÃO

— *E aonde iremos, ó minha bela?*
— *Iremos ouvir cantar o cuco...*
— *Grande coisa! Minha bem-amada se chama Kokhala, e eu ouço-lhe a voz tôdas as noites.*

A IMPRUDÊNCIA

— *Meu pai está longe, em viagem de negócios. Logo pela manhã, mãe saiu, a ver minha irmã, que está doente... Cai a noite. Sou muito jovem, e tenho medo! Como poderei ficar sòzinha? Entra em minha casa, ó viandante!*

O DOENTE

— *Aonde vais tão depressa, camarada?*
— *Vou ao médico...*

— Idiota! O médico não te curará... Não tens uma amante linda e sábia? Se sofres com o frio que está fazendo, agasalha-te em seu corpo... É a bilis que te atormenta? A ambrosia de sua bôca te será uma poção salutar... Tens os nervos esgotados? Os deleites do amor te reanimarão.

SOB A ÁRVORE

Uma nuvem negra, imensa, invadiu o céu. A escuridão é quase absoluta. Ao longe, o carro do trovão rola com estrondo sôbre as nuvens. A chuva! Vem-te refugiar sob a minha árvore, Dahadali... Se assim te falo, é por causa dessa tua túnica nova e, sobretudo, dêsse pássaro que saltita em minha árvore. Até hoje êle ainda não viu — bem o sabes

— um rapaz e uma moça não se aproveitarem de uma tempestade...

— Ai de mim! Não posso deixar de obedecer-te...

Discreto, o pássaro voou.

A MENTIRA

O unguento das tuas faces está intacto, o pó de açafião não te caiu dos seios, o hinnah dos teus olhos não se deliu, o cosmético não se diluiu sobre o coxim dos teus lábios. Por que me dizes que acabas de amar? Teu espôso, ó bela indolente, seria então alguma criança?

A ALCOVITEIRA FEIA

— *Êle possui cinqüenta rebanhos. Tem o rosto oval como a ameixa de Asauka, e um corpo incom-*

parável. Quando sai do lago onde se banha tôdas as tardes, faz pensar na Lua emergindo da noite... Vamos! decide-te!

— Tens pressa?

— Muita pressa.

— Um instante! Faze o favor de lhe dizer que êle teria de contentar-se com a minha cabeleira...

— Estás louca? Por quê isto?

— Porque Vajuna, esta manhã, mandou-me propor a mesma soma, mas por uma mensageira que eu pude acariciar.

A BONECA DE FÔLHAS

Recordas-te do tempo em que fazias bonecas com fôlhas molhadas? Em vão as acalentavas: elas choravam sempre. Uma vez, eu te havia aconselhado a expores a tua boneca ao sol...

Depois, tu brincaste com o meu coração. Depois, eu chorei muito. Mas terminei por me lembrar do remédio que fôra de tanto efeito para tua boneca de fôlhas, e o Sol da Sabedoria esgotou para sempre a fonte das minhas lágrimas.

O RAMALHETE

Ela pusera à cinta boninas cujas pétalas se haviam fechado bem cedo.

— Que aconteceu? — perguntou-me.

— Por que olhaste essas flôres com os teus grandes olhos negros?

— respondi-lhe. — Elas acreditaram que era a noite...

O ÊXTASE

Não fales mais! Tuas palavras amorosas nada acrescentam à minha

*felicidade. Não fales mais! Só peço
que te sentes à luz d'êste raio de
sol...*

O ORVALHO DAS LÁGRIMAS

*— Donde vem, ó querida com-
panheira, êsse langor do teu olhar,
êsse tremor que te agita as mãos, e
a palidez de tuas faces?*

— Não é nada, não é nada...

*Mal pronuncia, porém, estas pa-
lavras, a infeliz volve o rosto, para
dar livre curso às lágrimas cujo pêso
lhe mortifica os belos olhos.*

A CHAMA DO AMOR

*Como extinguir a chama do amor
que arde até no pólen do lótus reco-
berto de água, até na essência do
sândalo e nas gotas de orvalho que
escorrem dos raios gelados da Lua?*

O CABRITO

— *Estava-te procurando...*

— *Estou aqui há um bocado de tempo!*

— *Desculpa-me! Um dos meus cabritos tinha fugido...*

— *Não mintas! Eu te vi... Estavas com Madadari.*

— *Eu lhe perguntava se ela vira o meu cabrito.*

— *E foste procurá-lo junto com ela?*

— *Fui.*

— *Durou muito a procura?*

— *Bastante.*

— *Ah! Então compreendo porque ela caminha com tanta dificuldade... Olha para ela!*

O AMANTE OUSADO

— *Embora teu espôso ainda não tenha chegado, lá vem a doce noite...*

Morra eu ao despontar da aurora, se desejo que o Sol reapareça! Nesta noite divina, cada um volve o pensamento para o seu mais caro desejo: o caçador pensa em matar a gazela, Rahu em devorar a Lua, Siva em fulminar o Amor, e o Amor sonha suplantar o espôso.

O ECLIPSE DA LUA

Cuidado, bela amiga! Entra depressa! É a hora do eclipse... Se o ávido Rahu te avistasse, logo abandonaria a Lua e se lançaria sôbre ti.

O BEIJO DILACERANTE

— Pelas sessenta têtas da Deusa Bhavatha, eu te juro! Outro dia, êle te enganou com Narayani. Eu os sur-

preendi... Ontem, a pretexto de apalpar o tecido da minha túnica, êle pegou-me nos seios. É como te digo... pegou-me nos seios. E, como pareces ainda estar duvidando, confesso-te, envergonhada, que êle me beijou os lábios esta manhã.

-- Estás mentindo!

-- Olha esta marca...

— Dá-me tua bôca, Rohini!

A ABANDONADA

Outrora, ela passava cantando. Desde, porém, que um belo jovem a acariciou, ela não canta mais, e tudo é tristeza sôbre o seu antigo caminho.

— Por que te afliges, Madahi? Entre as margens do oceano e as Montanhas Vermelhas haverá, porventura, apenas um belo jovem?

A GRINALDA

Com as flôres amarelas do algodoeiro, as flôres rubras da romãzeira e as alvas flôres da clematite, eu compusera, para Satahi, uma grinalda que ela ia pôr no colo de mármore do Deus Vidahya. O dia agonizava. Dentro da luz aveludada ela ia-se afastando, e atrás dela uma ponta da sua grinalda revolvía a poeira. Em breve ela não era mais do que uma nau a arrastar sôbre o mar espumante a sua amarra despedaçada...

A RAPARIGA APAIXONADA

Êle cobriu-lhe de beijos o rosto, os seios, os braços, e afastou-se, sem se voltar. Então, como êle não ousara tomar-lhe a bôca, ela passeou seus próprios lábios pelos braços frementes...

A CHUVA PROPÍCIA

— *Abre a porta, Damahi! Abre a porta! Nossas túnicas estão enso-
padas, e a chuva é cada vez mais forte.*

— *És tu, Naura?*

— *Sou eu mesma. Abre depres-
sa! Estamos geladas...*

— *Com quem estás?*

— *Com Sohadá... A pobre
criança me faz pena!*

— *Que tempo pretendeis de-
morar?*

— *Cruel Damahi, iremos embora
logo que a chuva passe...*

— *Por que não bateste à porta
de Natama? Passaste pela casa dela...*

— *Seu marido estava lá!*

— *Entrai! Eu vos deixarei sò-
zinhas...*

OS PÁSSAROS

Queridos pássaros que gorjeais em tôdas as árvores do meu jardim, alcançareis aprisionar a minha nostalgia na rêde musical que teceis? Ela foge para minha bem-amada, de quem estou separado há trinta dias... Ela quer ir-se esconder no seu colo perfumado, quer escutar-lhe a voz carinhosa. Queridos pássaros, por que a retendes?

A QUEIXA DA AMANTE

Que fogo me abrasa? Por que tenho a bôca ressequida? Por que está inquieto o meu coração? Que mal é êste cujo remédio me é desconhecido? Cada novo amanhecer aviva o meu secreto martírio: ainda não se ergueu para mim êsse outro Sol, cujos raios abrasariam a minha alma, êste

*Sol que os meus olhos já não vêem,
e que apenas conheço através das
tuas palavras, ó Pradyumna!*

*Ai de mim! ai de mim! Sinto-
me desfalecer. Êle não vem, aquêle
por quem o meu sangue clama! Eu
dizia comigo: — “Eis a vida, êsse
caminho juncado de lótus!...” Des-
graçada que sou! Neste caminho não
encontrei senão a serpente do amor,
de dentes cruéis...*

*O' Lua! serão teus raios gelados
que me acendem no seio esta chama
devoradora? Tu, ó brisa da tarde,
frescura carregada de perfumes, tu me
incendeias como uma chama!*

*Tremo; turva-se-me a vista...
Vou morrer!*

O ZÉFIRO

*Vêde como êsse Zéfiro prima-
veril, carregado do aroma dos nenú-
fares que desabrocham ao nascer do*

Sol, dissolve as pérolas de suor que reluzem na fronte daquela jovem! Vêde como êle emaranha a sua cabeleira, como lhe enfuna voluptuosamente o véu, e como, também, lhe restaura as fôrças que o amor acaba de lhe esgotar!

A RECOMENDAÇÃO

Teu marido vai partir ao amanhecer? Cuidado! Não vá êle notar a tua alegria... Procura retê-lo, chora, e dize-lhe que não tens coragem de ficar por mais tempo no quarto que êle vai deixar. Sai, e verifica se foi realmente o seu melhor cavalo que os servos trouxeram.

A LAMENTÁVEL RESOLUÇÃO

— Foi tudo o que ela te disse, ao anunciar o seu casamento?

— Tudo.

— *Pensa bem! Ela deve ter tido uma palavra de tristeza... Nós nos amávamos tanto! Ela bem sabe que eu rompi com meu noivo, o ano passado, para conservá-la... Ah! pérfida Sarmi! E sabes alguma coisa sobre êsse rapaz? É ciumento?*

— *Desconfio que sim...*

— *Vê a minha sorte! Mas, por Sarasuati! eu o enganarei! E, se fôr preciso, êste punhal...*

— *Quem to deu, terrível Bama-dhi?*

— *Arrebatei-o a Sarmi, certa noite em que ela me queria matar.*

O CANTO DA NOITE

Saí de casa para melhor ouvir aquêlo canto apaixonado que acariciava a campina. Era uma voz de mulher, quente e grave, uma voz

*transbordante de amor. Calou-se...
E os rouxinóis, nessa noite, emude-
ceram.*

A NOIVA

*Quando escuto o seu nome, inun-
da-me um suor gelado, e minhas ser-
vas são obrigadas a fazer-me respirar
yani. Quando o avisto, não me posso
ter em pé e o sangue pára-me nas
veias.*

*Oh! quando êle entrar no meu
quarto, o senhor da minha vida!...
quando êle me estreitar amorosamente
ao coração, êste resto de orgulho de
que me desvaneço num instante cairá
por terra.*

O ROUXINOL E O PAVÃO

*— Por que razão Matali, que é
tão belo, escreve tão maus versos? —
perguntou-me uma jovem.*

— Porque os Deuses infligiram
ao pavão uma voz dissonante — res-
pondi-lhe eu.

— Confesso-te que amo Matali.

— Eu sei que o rouxinol vive em
boa harmonia com o pavão...

A IMPRECAÇÃO

O' dia! como és belo, por vêzes,
aos meus olhos! E tu, ó noite, quan-
to me desesperas!... Outras vêzes,
porém, que doçura me trazes, ó noite!
E tu, ó dia, quantas e quantas vêzes
me atormentas!

Ah! se está escrito que minha
amada não há de voltar, aniquilai-
vos para sempre!

O TRANQUÍLO RIO DO CÉU

Aquela nuvem que vogava no céu
encalhou no recife da Lua, e aos
poucos se esfarrapa.

Ó tu, que um dia cantarás este verso, procura saber por que razão eu suspirei ao escrevê-lo!

O CANTO DA DANÇA

Somos apenas três, mas somos quatro, pois o Amor dança conosco!

É noite já, porém os seios de Narani nos iluminam... As lambananas fecharam suas pétalas, mas o hábito da rodopiante Priva acaricia-nos as faces...

Arahá! Sobre este musgo que os nossos pés mordem tão voluptuosamente, dancemos, minhas irmãs, as nossas danças mais secretas! Afasta essa mecha de cabelos que te obscurece o colo, ó Narani! E tu, Priva, aproxima-te de nós...

Amor, aqui tendes os nossos corpos abrasantes! Eis aqui Nasani, Priva e Domihi, que se amam e que nada separará, nem sequer os teus

*apelos, ó Noite deitada na floresta,
Noite que estimarias que os nossos
queixumes se casassem ao grande mur-
múrio que tu acalentas... Arahá!
Dançaremos até o romper da aurora
violácea! Só então conduziremos à
nossa morada a ardente Priva, cujo
suor perfumado beberemos. Arahá!
Teu ventre, Narani, ondula como um
açude sob a tempestade... Por que
já estás dançando a última dança?
Não sabes que a aurora está sempre
à espera, atrás da porta do Oriente?
E tu, Priva, Priva...*

Ó Noite, nós chegamos!

O MEIO

*Aquela dançarina te agrada, mas
sois quinze a cobiçá-la? Ouve o meu
conselho: com o ar mais descuidado,
lança na conversação uma frase incen-
diária. Dize, por exemplo, que o
talento do poeta Sadaça é discutível,*

ou que não é invencível o exército de Kamatrasu, e deixa que se exaltem os nervos de teus companheiros... Não tardará que seus gritos abalem as muralhas... Então, sem esperar que eles vão às pancadas, faze sinal à dançarina, passa com ela à sala vizinha, e retorna antes do fim do tumulto.

AS MOÇAS DO DAÇAPUR

Elas são brancas como a neve de suas montanhas, e têm olhos azuis como as geleiras de Kara-Korum. Nos dias de festa, quando descem à aldeia, dir-se-ia que está nevando.

OS ANÉIS

- Teu nome?*
- Vatravati.*
- Es linda...*

*Pequenina e trêmula, ela sorria.
— Queres?... — perguntou êle.
Ela murmurou:
— Eu te amo...
Êle a conduziu. Vatravati era
leve como uma braçada de flôres.
— Que é isso? Que é isso? —
gritaram os convivas. — Deixa-nos
Vatravati!
Ela atirou-lhes os seus tépidos
anéis.*

O BANHO

*Às carícias da água abandono
meu corpo, que se oferecerá, depois,
às carícias das horas. Carícias das
horas, deixareis também sôbre minha
alma um perfume de água lustral?*

O IRREPARÁVEL

*— Tenho certeza! ela será cas-
tigada pelos Deuses coléricos... Não
a viste sorrir ante aquela mancha ró-*

sea que eu lhe mostrava sôbre a sua túnica? Não lhe ouviste o riso escarminho? E dizer-se que ela vai talvez amá-lo, a êsse celerado!

— Então o conheces?

— Infelizmente! Como êle me afrontava, eu o desafiara a enganar-me! E êle escolheu aquela a quem amo ainda mais que à própria vida, aquela que eu sempre soube preservar dos homens...

— Tu lhe compras outra túnica...

— Também zombas, por tua vez? Para mim, agora, Davayani não é mais que uma flor sem perfume, um pássaro sem canções! Ah! foi também o nosso amor que sangrou em sua túnica... E agora, espanto-me ao pensar como é que não o vi todo vermelho!

A PRECAUÇÃO

*“Tu estás no meu coração” —
escreves-me, banalmente. Envio-te,*

por intermédio de Gayatri, uma fôlha de malica, de inefável aroma. Faze-a deslizar da túnica até o colo, para que o seu perfume chegue ao teu coração e me embriague.

O DESPEITO

— *Tu que sabes tudo, dize-me, ó Dayamati: por que razão os homens não olham para mim? Debalde caminho contra o vento, a fim de que a minha túnica fique bem colada ao corpo: êsses insolentes cruzam comigo e prosseguem, muito tranqüilos! Responde-me: que devo fazer para mostrar-lhes que já estou em tempo de ser amada?*

— *Dar-lhes a conhecer que já foste amada.*

— *Ah! De que maneira?*

— *Apasionadamente.*

-- *Compreendo! Mas quero que me digas: como é que os homens o notarão?*

— *Um dia, por exemplo, êles perceberão que já não caminhas contra o vento e que dobraste a túnica a fim de ocultar alguma coisa...*

A LUA DISCRETA

A noite silenciosa os acariciava. Suas mãos se estreitaram; depois as bôcas... Só então a Lua surgiu no céu.

AS CABRAS

— *Minha mãe ainda não se levantou... Se queres que eu te dê êsse beijo, apressa-te em transpor a sebe.*

— *Bem vês que me é impossível afastar êstes ramos espinhosos! Já*

tenho as mãos a sangrar... Mas espera! Aonde vais?

— Vou à procura das minhas cabras.

— Tuas cabras?

— Sim. Desde ontem de noite que elas não comem nada... Num instante comerão êstes ramos com seus espinhos. Eu serei repreendida por não as ter vigiado, mas em compensação terei o teu beijo.

O ROUXINOL

Grande foi o meu espanto ao ver que não fugia de mim aquêle rouxinol que cantava na moita! Estendi o braço e colhi a flor musical, emudecida... O rouxinol tinha uma asa quebrada!

O' Daranti, apesar do ferimento que me fizeste, eu canto a tua beleza!

A FLOR DE LÓTUS

Com o turbante manchado de laca, no pescoço a marca dos braceletes de sua amante — pois que ela o estreitou num arrebatamento feroz! — os lábios tintos de coral, as faces avermelhadas de bétele: assim aparece o infiel aos olhos da espôsa, ao despontar do Sol.

Em sua dor silenciosa, ela toma de uma flor de lótus, como para respirar-lhe o perfume... mas, na realidade, para nela abafar os seus suspiros.

O TEMPO

— *Como está o tempo, esta manhã?*

— *Ainda não sei.*

— *Como? Acabas de atravessar a aldeia... e não sabes?*

— *O campo está branco de sol.*

Mas eu não direi que o dia é belo antes de saber se estás alegre ou triste.

A VOLTA

Depois de longa ausência, o viajante querido penetrou na casa de sua amante. Estava trêmulo de emoção, de desejo e de impaciência. Qual não foi o seu espanto, o seu desespero, ao ver a amante cercada de amigas! A cólera aumentou quando elle percebeu que as jovens criaturas se divertiam em prolongar a visita.

— Ah! que diabo de bicho me ferroa dêste modo! — exclamou de repente a amada, cuja impaciência era ainda maior.

Erguendo repentinamente o véu, ella conseguiu extinguir a luz que illuminava o aposento, e as importunas foram obrigadas a abalar.

EU TE DIZIA...

Eu te dizia: — “Saberei fazer-te feliz...” Eu te repetia as eternas palavras que adormecem a inquietude das mulheres, e tu me sorrias como uma criança entregue ao sono.

A ALEGRIA

Pouco me importa saber que não verei jamais os mil jardins e os mil palácios de mármore de Hastinapura: Maya, sob os traços de Parwati, instalou-se em minha morada! Pouco me importa saber que não verei jamais o sorriso de Siddharta, no templo de Suddhodana: o sorriso de sua mãe me sorri no de Parwati.

E minha alegria é inabalável qual o monte Meru.

CANÇÃO DO OUTONO

Ó Lua dourada, encantadora amiga, há no teu semblante todo o esplendor do outono! Agora, velada pelas nuvens, só a espaços me sorris, como a bem-amada quando oculta o rosto entre os cabelos...

Chove. Da nuvem retumbante a água cai em fios delgados como as tuas pernas, ó bem-amada! Pelo céu negro transitam adens selvagens, tão alvos como teus dentes. Sobre o açude flutam fôlhas mortas, atenuando-lhe o brilho. Os pavões pupilam e saltam em derredor das companheiras, como dançarinos. Uns constelam com suas pedrarias as açotéias dos palácios que os teus raios prateiam, ó Lua... Outros, surpreendidos na copa das árvores, recolheram seus tesouros, e esperam.

A chuva, porém, cessa. Uma brisa fresca e perfumada vem secar em nossos membros o suor da volúpia...

Bendito seja o outono, com o seu trovão e as suas tempestades que despertam os amantes adormecidos, impelindo-os a se estreitarem medrosamente e a redobram os transportes amorosos! Ó bem-amada, ó tu que és para o meu coração o que é a chuva para a terra sedenta, essa estação me parece tão criminosa! Ela muitas vezes vela de brumas a Lua, que tem o brilho do teu rosto! Quando estás a meu lado eu não suspiro, mas quando te achas ausente e o céu se obscurece, não vejo mais no céu o teu caro semblante...

Agora, a Lua está no céu e nos sorri como velha amiga que volta de uma viagem.

RUDRÁ

Tiço sob a cinza, coração sob a mágoa, casa sob a neve. A noite.

A DOLOROSA RECORDAÇÃO

— *E êle te deu?...*

— *Dois rebanhos, uma lira de tartaruga, um espelho de prata.*

— *É muito pouco!*

— *É muito, pois êle me deu também o prazer...*

— *Ês jovem!*

— *Que culpa tenho eu se Devaká só te deu uma cabra, e se da tua noite não conservas mais que uma dolorosa recordação?*

O REGATO

Um camelo que se dessedentava num pântano engoliu uma pequenina rã. Passado muito tempo, o dono dêste camelo, em viagem por um deserto, estando a morrer de sêde, ouviu o canto da rãzinha cativa. Prestígio do amor! Logo esqueceu o sofrimento e acreditou-se transportado à

beira do regato de Napau, onde sua amada costumava encher o cântaro.

O COLAR

Vêde como o Oriente das suas pérolas lhe banha de luz os seios! Vêde como os seus seios lhe aquecem o colar!

Se é tal o apanágio de uma simples jóia, qual não será o meu quando ela me abrir os braços?

A RENÚNCIA

Como o saudável furacão arrebatava a fôlha morta que desdourava a verdura do prado, assim o teu sôpro, ó Krishna, me atirou sôbre esta montanha, onde terminarei meus dias na prece e na meditação! A paz, que

*banha, aqui, tôdas as coisas, corre
sôbre minha alma à 'feição de um
mel que o Sol houvesse preado nos
jardins de Kailaça. Eu era uma fô-
lha morta que apodrecia na campina
da Vida... Por vêzes, ao som das
flautas sagradas, eu redemoinhava,
mas para tornar a cair, e aos amigos
que acorriam a levantar-me do chão,
repelia-os, consciente da minha fra-
queza. Agora, tenho o vigor dêste
bôrdo cujo cimo toca os céus!*

A CRUELDADE

*Depois de haver recortado os teus
olhos num lótus azul, o teu semblante
num esplêndido nelumbo, os teus den-
tes no jasmim, os lábios num fresco
botão de rosa e os seios nas pétalas
de uma tchampaka — como pôde o
Criador, ó minha amiga, talhar-te o
coração na pedra?*

A PREFERÊNCIA

Bhavani, Ambalika e Rohini divertiam-se a mirar no regato os seus rostos sorridentes — três discos de ouro sôbre o espelho das águas.

— Como tenho sede! — exclamou de repente Bhavani.

Inclinou-se sôbre o disco de ouro que era o rosto de Rohini e beijou demoradamente a móbil imagem. Ambalika se pôs a soluçar.

A AURORA DA PRIMAVERA

Ó Sadami, ó minha preciosa coroa, é a primeira vez que o vento sopra do leste, trazendo-me o som do sino do templo de Anagari. Dentro de alguns dias as cinco flôres da primavera perfumarão minha casa... Tu, que és a sexta flor, traze-me em teus cabelos o perfume da esteira

*de caniços sôbre a qual choraste, todo
êste inverno!*

A HIPOCRISIA

*— Damodava não passa de uma
criança — disse Yaçoda com afetada
indiferença.*

*As raparigas de Vraja contem-
plaram o belo corpo do adolescente,
e um sorriso lhes adejou sôbre os
lábios...*

A PRIMEIRA NOITE

*— Êle dorme. E tu, adormece
também...*

*Assim me disseram minhas ser-
vas, e deixaram-me.*

*Embriagada de amor, roço doce-
mente os lábios na face do meu jovem
espôso. Sinto-o logo estremecer, e*

vejo assim que o traidor fingia dormir. Que vergonha a minha! Mas êle chega a fazer-me suspirar de felicidade...

O INDIFERENTE

Se eu contasse as minhas penas à torrente, a torrente pararia. Se as contasse à palmeira, a palmeira se curvaria para mim. E tu, que sabes quanto soffro, tu passas cantando e nem sequer me olhas!

Contarei minhas penas à torrente; se a torrente não parar, pelo menos sua água me refrescará a fronte abrasada. Contarei minhas penas à palmeira; se a palmeira não se curvar para mim, pelo menos dará sombra ao meu sono.

Envergonhada embora, mais uma vez te digo quanto soffro, e tu não me dás nem a água do teu olhar nem a sombra da tua sombra...

RUDRÁ

*Flautas que se calam, raparigas
a correr, lírios partidos. A tem-
pestade.*

O ARRUFO

*Embora estendidos sôbre o mes-
mo leito, êles têm as costas voltadas
um para o outro, seus lábios estão
cerrados, e ocultam cuidadosamente
no fundo do coração todo o amor com
que se amam. No entanto, vêde como
se espreitam pelo canto do olho, como
seus olhares se encontram, como sen-
tem arrefecer-lhes a cólera, e como
se enlaçam de repente!*

A UTILIDADE DAS LÁGRIMAS

*Cobrindo-lhe o rosto de beijos,
não esperes aplacar o desespero dessa*

jovem a quem amas, mas ante a qual, por uma terrível desgraça, acabas de tornar-te culpado. Podes crer: o único remédio que te resta, embora te pese ao coração, é deixar que tua amante dê livre curso às suas lágrimas...

O BEIJO

Minha sede recrudescer desde o dia em que, sequioso de amor, bebi em seus lábios a divina ambrosia. Mas que razão tenho para me espantar? Havia tanto sal naquele beijo!

O TIGRE E O PAPAGAIO

Com fingida doçura, um tigre revolveia pela terceira vez o ovo que a fêmea de um papagaio acabava de pôr estouvadamente num monte de folhas secas. Empoleirados no mais alto ramo de uma árvore vizinha, o

papagaio e sua companheira observavam o senhor tigre.

Cobrando ânimo, o papagaio gritou à fera:

— Não vês que é o nosso filhinho? Breve êle terá penas multicores, um bico afiado, olhos brilhantes, e ornará talvez os aposentos de uma bela...

— Eu não vejo senão uma pedra de forma estranha — disse o tigre.

E partiu, esmagando o ovo.

Ó Ardjuni, ó bem-amada, teu amor ainda não é mais do que um ovo que eu toco cheio de religioso cuidado. Não jures, porém, que dêle sairá um maravilhoso pássaro cujas asas me abrigarão por tôda a vida; não me digas que o nosso amor fará ciúme ao Deus Vidura e à Deusa Pathi... Por enquanto, ó cruel, êle é apenas um amor como há cem mil entre o monte Meru e o lago Suna. Sabes que eu me poderia enfastiar, e fazer como o tigre?

RUDRÁ

*A noite fendida, a estrada azul,
o viajante desmaiado. O relâmpago.*

A PROMESSA

Com que amargura ela se lembra da tarde em que, sob uma ameixeira em flor, êle jurava amá-la por tôda a vida! Êle dizia: — “Quando as ameixeiras tornarem a florir, tu serás minha mulher...”

Ela pensa em tudo quanto êle lhe fêz depois. Evoca-lhe as traições, as mentiras, a partida brutal, e regozija-se por haver escapado àquele homem. Mas... Ei-la a contemplar, chorando, um galho de ameixeira em flor que se recorta sôbre a Lua...

O TEMPLO

*Quando tua cabeleira se despenha
e te inunda as espáduas, eu penso na
floresta de Viçamadyta, que abriga
o templo dourado de Misrakesi.*

CONSOLÁVEL

*Por que soluças assim? Estás
louco? Só porque ela não te deixou
penetrar em sua morada? Enxuga
essas lágrimas, coroa-te de jasmims
e canta uma das canções do país de
sua serva. Esta jovem é linda. É
talvez mais linda que Vadihá... Ela
chegará num instante, e decerto
assentirá em consolar-te dos rigores
de sua ama.*

*— Deixa-me! deixa-me! Eu amo
Vadihá...*

*— Ouve bem: sua serva é mais
linda...*

— Basta! por favor...

— *Se lhe visses os seios... as pernas...*

— *Donde é ela?*

— *Do Mahapur.*

— *Espera aí... Talvez ela conheça meu irmão, que vive por lá... Vou mandar chamá-la.*

— *Adeus. Como gostas de teu irmão!*

O OLHAR DA BEM-AMADA

— *A flor cria a flor, e a cria à sua semelhança, diz a ciência. Mas o que eu vejo é diferente... Com efeito, ó doce Djanani, dois lótus azuis acabam de nascer no lótus branco de teu rosto!*

O FELIZ EXPEDIENTE

Noite de delícias, noite de loucuras! Longe de olhares indiscretos,

Nora se abandona sem reservas ao desejo de seu amante. Quantas carícias! Quantos gritos ardentes!

Mas, ao amanhecer, que avista Nora? O papagaio, que tudo viu, tudo ouviu... Ó Céus! Lá vem a mãe de Nora! A maldita ave vai-lhe contar o desregramento da filha...

Que faz a astuciosa? Tira de suas arrecadas alguns rubis e mistura-os hábilmente às bagas de romã preparadas para o almoço do tagarela: assim encontra um meio de fechar-lhe o bico para sempre.

A INQUIETAÇÃO

A primavera foge para o verão como o regato foge para o rio... Que me trará o verão? Ó Sundava, serás ainda a minha primavera?

A EDUCAÇÃO

Ela me ensina todos os seus segredos. Mostra-me, por exemplo, que é preferível dissolver na água de neve o bétele que espalhamos nas faces. Mostra-me, também, que a raiz da usira, reduzida a pó, dá aos dentes uma incomparável brancura, e que nada é melhor para enrijecer os seios do que o suco das framboesas ainda verdes. Ela me dirá, porém, como poderei esquecer aquela que me ouviu chorar atrás de sua porta, durante uma noite inteira?

O JASMIM COLHIDO

— Podes pedir-me o que entenderes: meu marido está longe...

— Ah! és casada? Que pena! Eu não gosto de aspirar o jasmim colhido.

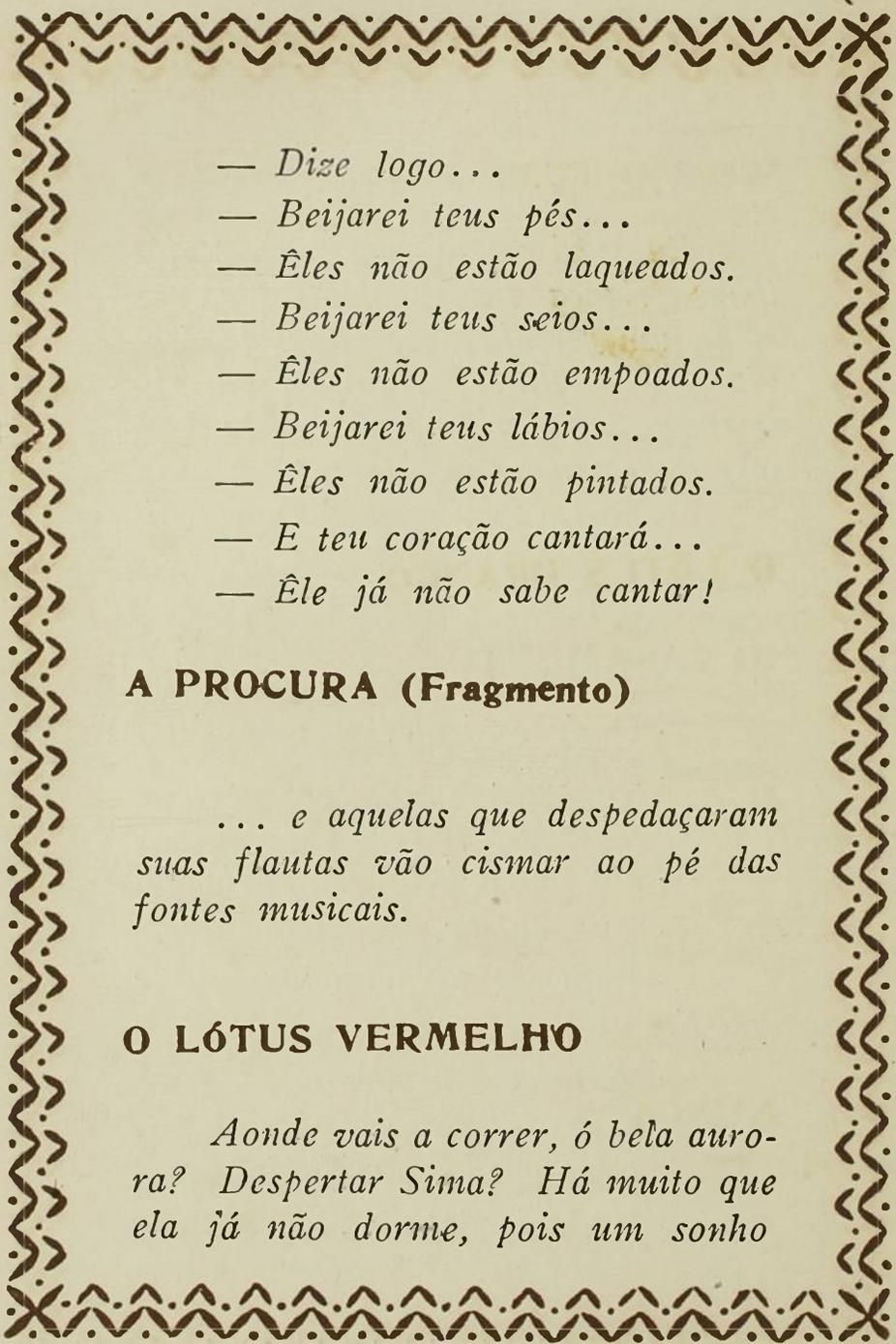
COM O TEMPO

*Eu te vi em tua nascente, ó rio!
Uma criança transpunha-te de um
salto, um ramilhete de flôres te des-
viaria o curso... Aqui, és um rio
imenso, e poderias tragar esta nau
que carregas em teu dorso!*

Penso em meu amor a Dayamati.

O CASAMENTO

- *Onde está êle?*
- *Na caça.*
- *Longe?*
- *Do outro lado da montanha.*
- *Vou entrar.*
- *Poderias perguntar-me se te
dou licença...*
- *Bem-amada, dás-me licença
de entrar em tua casa?*
- *Bem-amado, que farás?*
- *Vê-lo-ás depois...*

- 
- *Dize logo...*
 - *Beijarei teus pés...*
 - *Êles não estão laqueados.*
 - *Beijarei teus seios...*
 - *Êles não estão empoados.*
 - *Beijarei teus lábios...*
 - *Êles não estão pintados.*
 - *E teu coração cantará...*
 - *Êle já não sabe cantar!*

A PROCURA (Fragmento)

*... e aquelas que despedaçaram
suas flautas vão cismar ao pé das
fontes musicais.*

O LÓTUS VERMELHO

*Aonde vais a correr, ó bela auro-
ra? Despertar Sima? Há muito que
ela já não dorme, pois um sonho*

funesto a visitou. Ela sonhou que em breve amarei outra mulher, e eu estou à procura do lótus vermelho, êsse talismã esquivo... Mas, que vejo! Todos os lótus se avermelham... Obrigado, aurora!

O LÓTUS BRANCO

De nada me valeu correr... quando entreguei meu lótus a Sima, êle perdera sua côr de púrpura! Amanhã cedinho, conduzi-la-ei à margem do açude onde o colhi... Queiram os Deuses que as nuvens não ensombrem tua luz, ó aurora!

NUNCA

Quando o bambu se cobrir de flôres, quando a andorinha fizer seu

*ninho nos juncos, quando o seixo
flutuar na corrente — então poderei
amar-te.*

O TESOURO

— O desastrado! — exclamou
Narati.

— O idiota! — disse Damatyva.
E rebentaram a rir.

Mas o que Ambati não lhes dirá
é que tem quinze anos, os mais belos
olhos dêste mundo e uma bôca que
os melros devem bicar quando êle
está adormecido num jardim...

A EXPLICAÇÃO

*Se tantos pássaros cantam nas
árvores de Kavindá, se as flôres de
Kavindá não morrem nunca, se o
céu de Kavindá nunca se obscurece
de nuvens, ó bem-amada, é porque
um dia tu passaste em Kavindá!*

A ÚLTIMA VEZ

Estendida sôbre o leito, ela brincava com o seu colar de conchas. Falava-nos das flôres, e suas mãos tinham a transparência de uma pétala de rosa fanada. Falava-nos dos pássaros, e sua voz nos entristecia como o canto do karahu noturno. Falava-nos do Sol, e seus olhos, seus olhos imensos, que haviam sido dois sóis, eram apenas duas humildes chamas carcomidas pela sombra da morte.

O DESPONTAR DO SOL

Os Gigantes que reinam nas extremidades da Terra tinham levado a noite inteira a conduzir do Ocidente para o Oriente a bola de ouro do Sol. E brincavam com ela... Como sempre, um dêles a lançou muito alto!

A CANÇÃO DAS FLECHAS

Quando varamos o espaço, ouvís o nosso grito, igual ao do vento que deslizava sôbre nós quando éramos ramos?

Quando varamos o peito de um homem, ouvís o nosso grito, igual ao do machado que sôbre nós descia quando éramos ramos?

Quando repousamos na aljava do destro guerreiro, ouvís os nossos estremecimentos, iguais ao tatarlar de asas que nos envolvia, ao entardecer, quando éramos ramos?

A TRISTEZA

— Determina com o piscar dos olhos o número de dias que deverá durar a minha viagem.

— Hoje, ainda me é possível baixar as pálpebras, mas sinto que

não terei mais fôrça para levantá-las
quando houveres partido...

— Mas não sabes que voltarei?
Na noite do meu regresso, juro-te,
baterei à tua porta.

— Aquêles que chorarem sôbre
meu cadáver te agradecerão.

— Criança que és... Dize-me,
que poderei trazer-te?

— Um pouco de água apanhada
nos Açudes Sagrados.

O CORREDOR

Tu que pulavas à margem desta
floresta, aonde ias? Ó flecha huma-
na, era o amor que acabava de te
arremessar, e voavas em direção à
tua bem-amada? O solo te repelia
como o tamborim repele a baqueta...

Quem sabe se, ébrio de imateriali-
dade, tentavas arrancar-te do teu
corpo!

A ILUSÃO

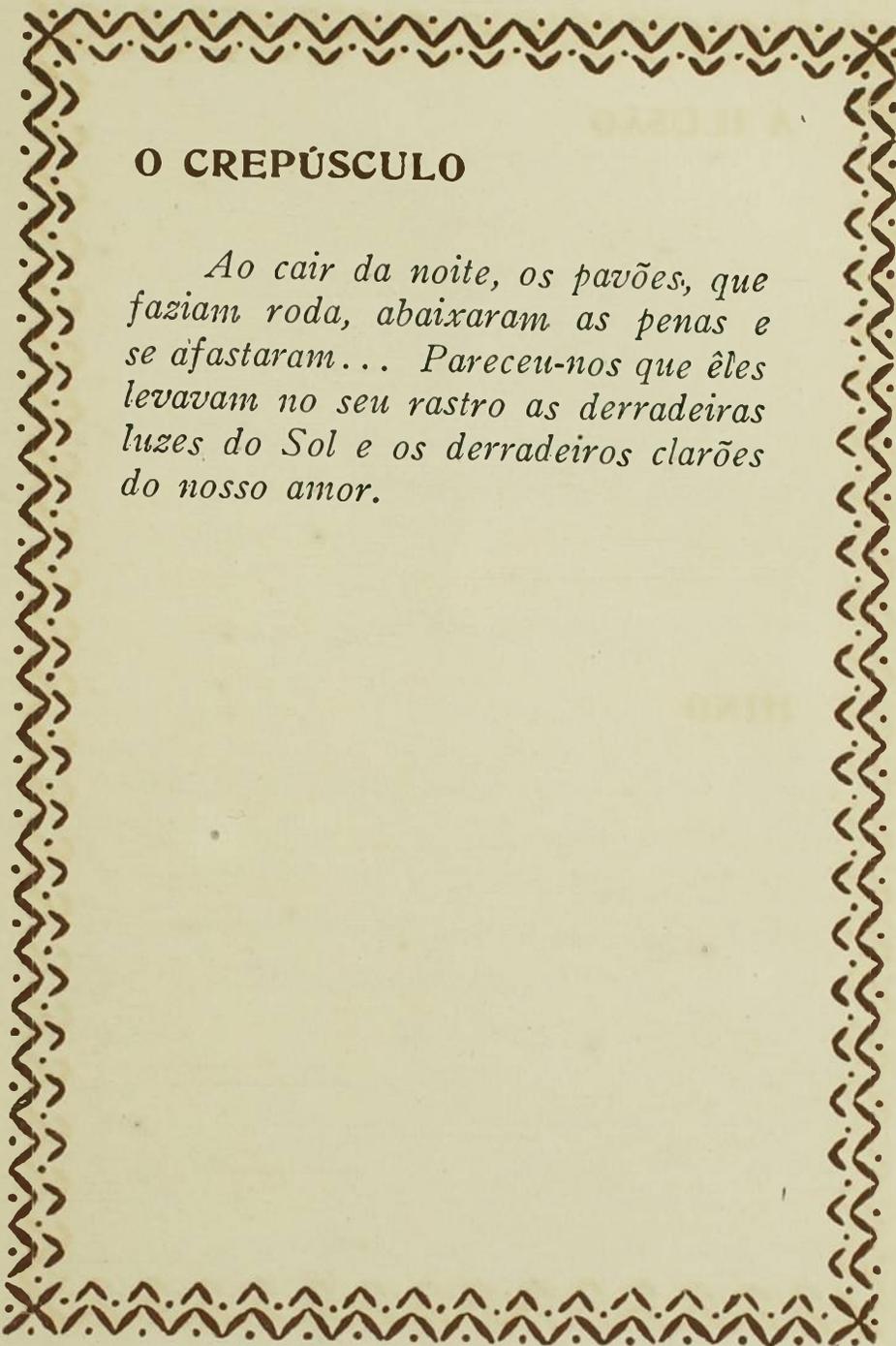
Para contemplar a Lua, a melancólica rapariga acaba de sentar-se à sombra de uma macieira-canela. Suspira, e arfam-lhe os seios; chora; depois, cede ao sono. Porém a brisa, que se levantou, chove-lhe sôbre as faces as flôres da macieira-canela...

E ela sonha que mãos queridas lhe enxugam docemente as lágrimas.

HINO

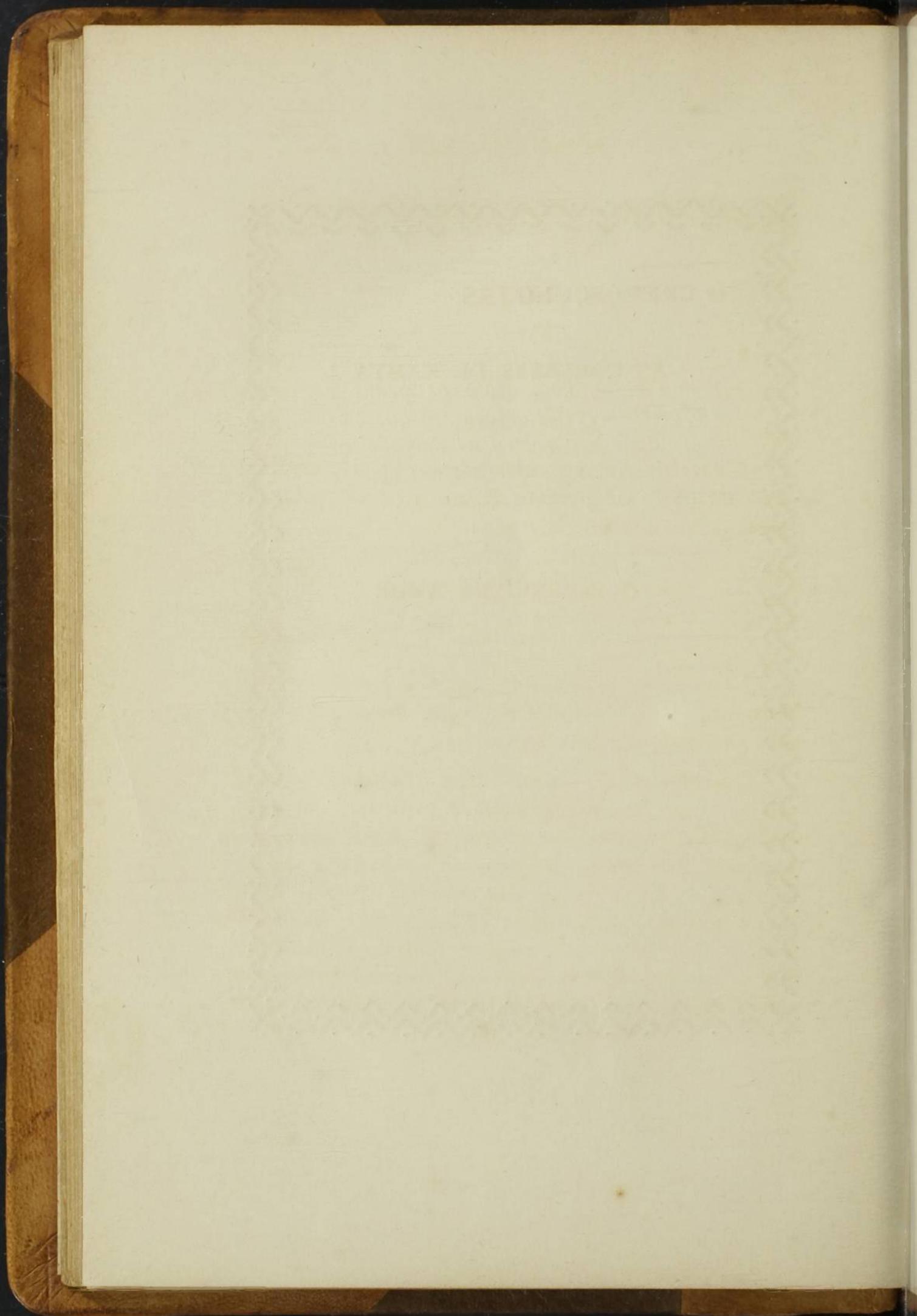
*Ó Morte de semblante de aurora!
Ó Morte coroada de flôres e ébria
de haver estreitado nos braços, desde
o comêço do Tempo, todos os homens
e tôdas as mulheres! Ó Morte de
lábios selados! Ó Morte, serva da
Trimúrtil! Ó Morte surda aos rogos
dos dançarinos aterrados! Ó Morte
compassiva ante os apelos dos Budas!*

*Ó Aniquilamento criador! Ó
Morte de semblante de aurora!*



O CREPÚSCULO

Ao cair da noite, os pavões, que faziam roda, abaixaram as penas e se afastaram... Pareceu-nos que êles levavam no seu rastro as derradeiras luzes do Sol e os derradeiros clarões do nosso amor.



NOTAS

AS CORTESÃS DE KAMYÁ

(Pág. 20)

A maior homenagem, para um homem, era ser chamado *Bharata*. Os *Bharatas* faziam parte da Tribo soberana, a Tribo solar.

O INVENCÍVEL AMOR

(Pág. 37)

O *Dvidja* era “o duas vêzes nascido”, o homem de alta casta, isto é, nascido fisicamente como todos, porém nascido espiritualmente uma segunda vez.

Tchacra significa, em geral, uma roda (donde o persa *tcharkh*, “mó, cúpula, céu”), e, em particular, uma espécie de arma encantada, com a forma de um disco de bordas cortantes. Esta arma, vigorosamente arremessada, ceifava tudo que se encontrava em sua trajetória. O deus Khri-shna é armado de uma *tchacra* fulminante, chamada *sudar-sana*. — Também se dá o nome de *tchacra*, em quiromancia, a uma disposição das linhas da mão que forma, pelo entrelaçamento destas, uma espécie de sol radiante, seguro presságio de domínio.

HINO AO FOGO

(Pág. 40)

Indra: rei. Assim se chama, especialmente, o deus que é tido como o rei do Céu. Indra é muito dado ao prazer. Os autores das lendas sagradas atribuem-lhe mil histórias escabrosas. Senhor do dia, sob o nome de *Divaspati*, sua mão direita brande o raio e a esquerda um arco, o arco-íris. É coberto de cem mil olhos, que são as estrêlas. Em sua marcha através das nuvens êle cavalga um elefante chamado *Airavata*. Indra, porém, só é o rei dos deuses inferiores. Acima do seu poder está colocada a Trilogia indiana, cujos caprichos êle tem por vêzes de sofrer. Não está, sequer, ao abrigo das conspirações dos santos, que o podem exilar de seu próprio reino. Êsse reino é o paraíso indiano, *Suarga*, situado num pico do monte Meru. A morada habitual de Indra é a cidade de *Amaravati*. Seu jardim predileto denomina-se *Nandana*. Lá, pode êle gozar todos os prazeres; lá estão reunidos músicos celestes (*Gandharvas*), dançarinas fascinantes (*Apsaras*), maravilhosos pássaros com o dom da palavra, gênios, sábios. Tal é a côrte de Indra e de sua espôsa, a indolente *Satchi*.

A AMBROSIA

(Pág. 44)

Segundo a lenda mitológica, a ambrosia (*amrita*) foi o resultado da batedela¹ do mar. Os deuses e os titãs (*Azuras*) reuniram-se para esta difícil operação. Serviu-

¹ Tradução imprecisa do francês *barattage*, "ato de bater o leite para fazer manteiga".

deuses de pilão o monte Mandara, e de corda a serpente Vasuki, que pôs o pilão em movimento. Os deuses e os titãs puxavam alternativamente, pela cabeça e pela cauda, o imenso reptil, que assim deu lugar à rotação da montanha. Agitado por essa rotação imprimida ao Mandara, o mar então produziu várias coisas preciosas, entre as quais a *amrita* (licor da imortalidade). Travou-se entre os deuses e os titãs violento combate pela posse da ambrosia, que terminou pertencendo aos primeiros.

A PARTIDA

(Pág. 59)

A *Árvore Sagarada* (em sânscrito *asuatha* (*Ficus religiosa*, L.). — É este um dos nomes da célebre figueira que os indianos veneram e que aparece nas crônicas dos antigos viajantes com a estranha denominação de *árvore dos banianos*. Suas fôlhas, de pecíolos enormes, tremem ao mínimo vento, razão por que também lhe chamam *tchala-dala*, “treme-fôlha”.

A BRUTAL CONFISSÃO

(Pág. 61)

Minha bem-amada se chama Kokala... — Trocadilho. Em sânscrito, o cuco tem o nome de *kokila*.

O AMANTE OUSADO

(Pág. 67)

Rahu era um Asura (ou titã) que, por ocasião da batidela do mar e conseqüente produção da ambrosia,

misturou-se aos deuses para obter sua parte do licor que dava a imortalidade. No instante em que levava aos lábios uma taça de ambrosia, o Sol e a Lua o descobriram, denunciando-o a Vichnu, que, com um golpe de seu disco (*tchakra*), lhe decepou a cabeça. O licor divino, porém, tornara Rahu imortal. Por vingança, de vez em quando sua cabeça investe contra o Sol e a Lua para devorá-los. Tal é, conforme a mitologia hindu, a origem dos eclipses. Na astronomia, Rahu é um planêta.

Siva: o deus destruidor. Traz sempre aberta a bôca, de dentes enormes. Seus ornamentos são grinaldas de crânios e de ossadas. Chama-se também *Ogra* ("horível"), donde se originou o francês *ogre* (port. *ogro*).

A LAMENTÁVEL RESOLUÇÃO

(Pág. 74)

Sarasuati, filha e espôsa de Brama, é a protetora de tôdas as artes e, particularmente, da eloquência. Segundo a mitologia hindu, deve-se-lhe a invenção da língua sânscrita e dos caracteres devanâgaris. Assim, ela partilha com Ganesá a honra de ser invocada pelos poetas no comêço de seus versos.

A ALEGRIA

(Pág. 88)

Hastinapura: nome da capital dos reis da Dinastia Lunar. Esta cidade, ao que se pensa, não era outra senão a antiga Delhi, situada a cinqüenta e sete milhas a noroeste da Delhi atual.

Maya: deusa da *Ilusão-Suprema*; mãe de Siddharta.

O OLHAR DA BEM-AMADA

(Pág. 102)

dois lótus azuis. — Brama nasceu no cálice de um lótus, saído do umbigo de Vichnu, durante o longo sono d'êste deus sôbre a imensidade das águas. Um lótus serve de trono a Vichnu e à formosa Lakchmi, sua companheira. Os hindus, que votam a essa flor a mais profunda veneração, fazem dela o emblema da beleza.

A TRISTEZA

(Pág. 110)

nos Açudes Sagrados. — O vocábulo sânscrito é *Tirthas*. Assim se chamavam largos açudes alimentados pela água do Ganges. Alguns dêles tinham grande fama. Em certas épocas do ano os devotos brâmanes se dirigiam processionalmente aos *Tirthas* para lá fazer suas abluções. Cada *Tirtha* era consagrado a uma divindade à parte. Considerava-se de imenso proveito a lavagem do corpo dos mortos com água provinda de um *Tirtha* famoso.

INDEX

INDEX

ÍNDICE

Amaru	7	Rudrá	34
O poder das lágrimas	9	A resolução	34
As angustas devastações do amor	9	A experiência	34
A injustiça	10	A colheita dos figos.	35
Carta	10	O conselho interessado	36
O esforço inútil	11	O invencível amor .	37
A força	11	O perdão	37
O tentador	12	Mahadevi	38
A chuva	13	O caçador	38
A troca do prazer ..	14	O cisne	39
A disputa	14	Hino ao Fogo	40
A jura	15	O encontro	41
A inundação	15	A dúvida	41
O honroso desespêro.	16	A punição	42
As noites	17	A desordem matinal.	43
Sôbre uma espôsa ..	17	A ambrosia	44
A paz	18	A morte	44
A faceirice	18	A escravidão	45
O guarda	19	A espera	45
As cortesãs de Kamyá	20	O mistério	46
A resposta inesperada	20	O semblante do amor	46
A hospitalidade	21	A morte deliciosa ..	47
A notícia desoladora.	21	A felicidade	48
Os esforços	22	A Festa dos Lótus ..	48
A manhã	23	A impossível restituição	49
A águia	23	A confiança difícil.	49
O instante secreto .	24	Os soluços	50
O triunfo	25	A bela canção	50
O tição consagrado .	25	Os mensageiros	51
O destino	26	O ultraje	52
O espanto legítimo .	26	A cólera inoportuna.	52
A altivez	27	O mar	53
A astúcia	28	O poema	53
A visão	28	O caminho do dever.	53
Rudrá	29	A uma jovem	54
A conversa interrompida	29	A franqueza	54
O arrependimento ..	30	Apenas uma manhã.	56
A fidelidade	30	As duas amigas	56
A reconciliação	31	O amor	57
A decisão frágil	32	O sono interrompido.	57
O inverno	32	A vendedora de jasmins	58
A timidez	33	A partida	59

Hino da esposa do Buda	59	Eu te dizia... ..	88
Rudrá	60	A alegria	88
A brutal confissão ..	61	Canção do outono .	89
A imprudência	61	Rudrá	90
O doente	61	A dolorosa recordação	91
Sob a árvore	62	O regato	91
A mentira	63	O colar	92
A alcoviteira feia ..	63	A renúncia	92
A boneca de fôlhas .	64	A crueldade	93
O ramallete	65	A preferência	94
O êxtase	65	A aurora da prima- vera	94
O orvalho das lágrimas mas	66	A hipocrisia	95
A chama do amor ..	66	A primeira noite ...	95
O cabrito	67	O indiferente	96
O amante ousado ...	67	Rudrá	97
O eclipse da Lua ..	68	O arrufo	97
O beijo dilacerante .	68	A utilidade das lágrimas mas	97
A abandonada	69	O beijo	98
A grinalda	70	O tigre e o papagaio	98
A rapariga apaixonada nada	70	Rudrá	100
A chuva propícia ..	71	A promessa	100
Os pássaros	72	O templo	101
A queixa da amante.	72	Consolável	101
O Zéfiro	73	O olhar da bem-ama- da	102
A recomendação ...	74	O feliz expediente ..	102
A lamentável resolu- ção	74	A inquietação	103
O canto da noite ...	75	A educação	104
A noiva	76	O jasmim colhido ...	104
O rouxinol e o pavão.	76	Com o tempo	105
A impreciação	77	O casamento	105
O tranqüilo rio do céu	77	A procura	106
O canto da dança ..	78	O lótus vermelho ..	106
O meio	79	O lótus branco	107
As moças do Daçapur	80	Nunca	107
Os anéis	80	O tesouro	108
O banho	81	A explicação	108
O irreparável	81	A última vez	109
A precaução	82	O despontar do Sol .	109
O despeito	83	A canção das flechas.	110
A Lua discreta	84	A tristeza	110
As cabras	84	O corredor	111
O rouxinol	85	A ilusão	112
A flor de lótus	86	Hino	112
O tempo	86	O crepúsculo	113
A volta	87	Notas	115

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA
DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,
À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO
PAULO, PARA A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO
EDITORIA, RIO, EM OUTUBRO DE 1949.



Falo ao meu coração. Lembra ^{o que tens} a ^{sefuda}
por ela. Esquece-a. Apaga-o da memória
Esquece tudo até seu nome. O olvido
marcava ^{do} ^{teu} ^{admir} ^{magnífico} ^{outro}.

45

Censo isso

Mat

— que o poeta e sabe —
E o coração responde, ó poeta,

E o coração, que o poeta e sabe, atento
escuta o seu u dígito.

Feliz Aniversário para quem os olhos

Tantas são as ofensas que me ^{faz} tua,
Tantas são as menturas que me tu,

O amor nesta manhã rorada e claro
bruhauvo tanto, tanto
tinha a beleza de uma rosa...

Sai, para ver a minha amada,
a flor mais bela, e mais formosa,
do jardim de minha alma.



Que mero pod ter

quem, a sonhar, de um fado, amir.

Leva bem deus o cotapão.

2845

